

**incluir** para mudar

Conselho Regional de Psicologia SP



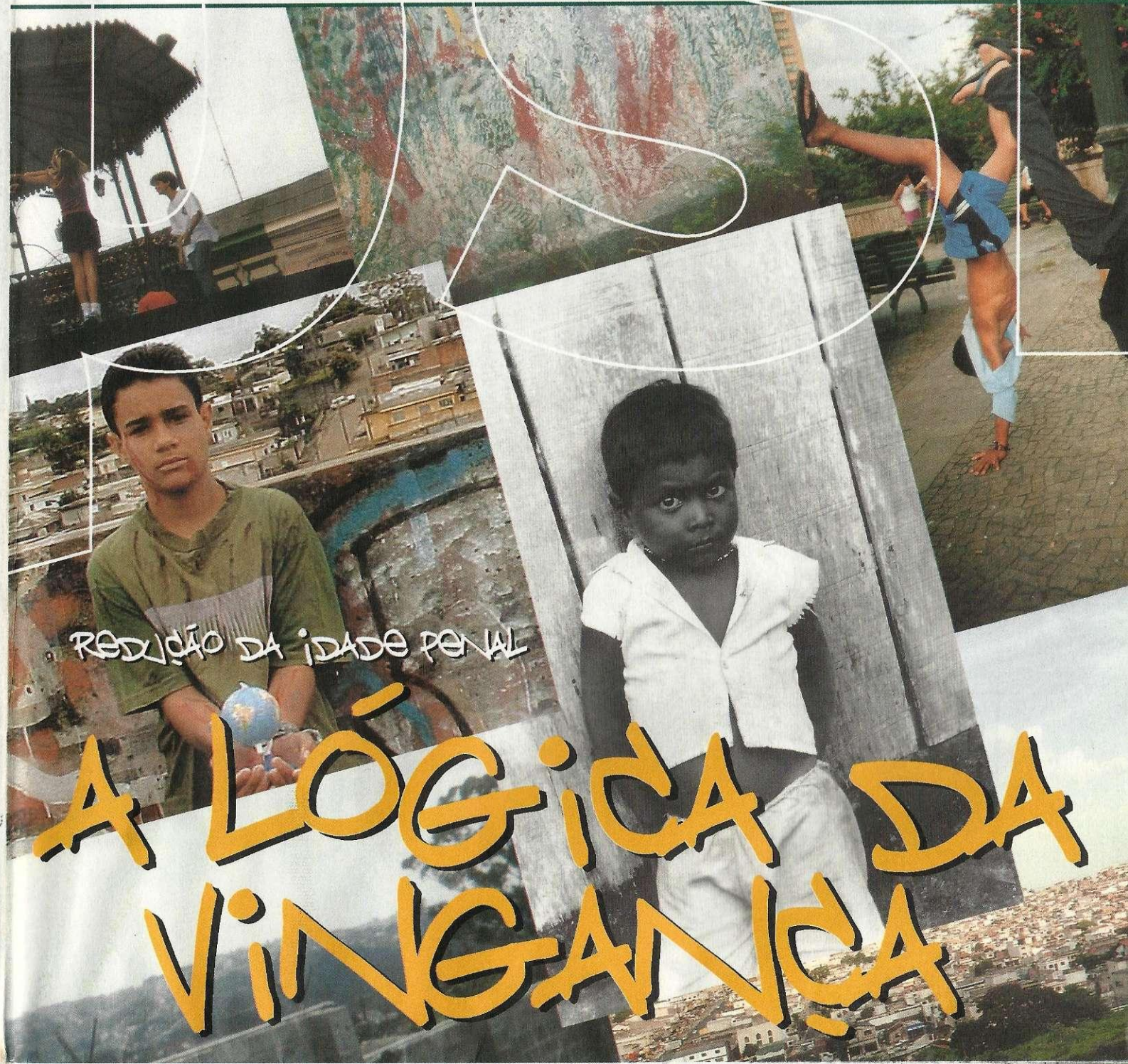
27  
agosto  
2001  
dia  
do  
psicólogo

cidadania plena para **todos**

# psi

jornal de psicologia  crp sp

número 129 • julho / agosto 2001



REDUÇÃO DA IDADE PENAL

# A LÓGICA DA VINGANÇA

02 Editorial

Cartas

**Balanco** 03  
Gestão 1998 – 2001 marcou pela defesa dos direitos humanos e pela postura aberta ao debate.

04 Seminário

Evento busca redimensionar a Psicologia do Trânsito sempre vinculada à avaliação psicotécnica.

Diálogos

A psicanalista e psicóloga Suely Rolnik, especialista em romper fronteiras estéticas e conceituais.

08 Educação

Projeto de lei propõe a reinserção da Psicologia nos currículos do Ensino Médio em SP.

10 Campanha

Assustada com o aumento da violência, sociedade pede mais segurança e discute redução da idade penal.

12 Concurso

Mais de 400 trabalhos concorrentes abordaram a situação do adolescente autor de ato infracional.

Evento

Entrega dos prêmios aconteceu em dois dias de festa.

13 Premiados

Conheça os trabalhos vencedores em todas as modalidades.

16 Tramitação

A decisão sobre reduzir ou não a idade penal está nas mãos dos congressistas.

Memória

Projeto História e Memória da Psicologia em SP apresenta seus primeiros resultados.

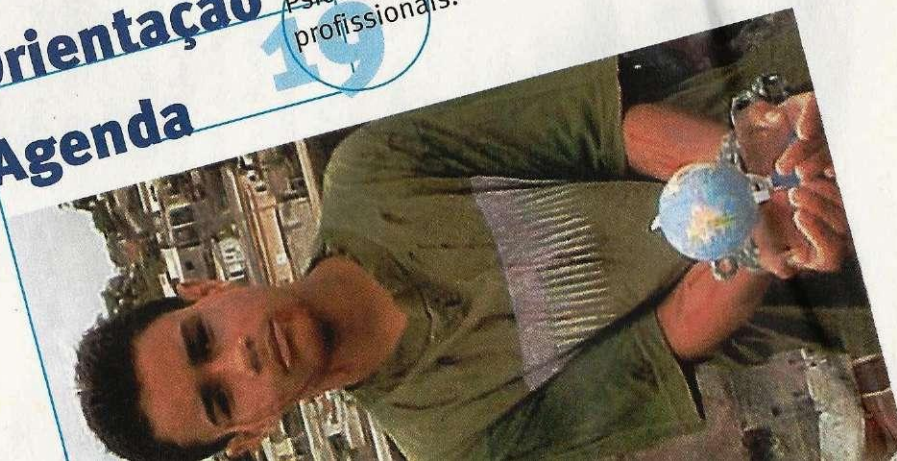
Livros

O cinema de Wim Wenders e a reconstrução da identidade cultural alemã.

18 Notas

A relação entre a desvalorização da Psicologia e a postura dos profissionais.

Agenda



Conselho Regional de Psicologia SP

Psí Jornal de Psicologia CRP SP é uma publicação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, CRP SP, 6ª Região

Diretoria

Presidente | Lumêna Almeida Castro Furtado  
Vice-presidente | Odette de Godoy Pinheiro  
Secretária | Carmem Sílvia Taverna  
Tesoureiro | Ana Stella Álvares Cruz

Conselheiros efetivos

Alexandre Nicolau Luccas, André Isnard Leonardi, Bronia Liebesny, Katia Rubio, Leliane Glosce Moreira, Mariângela Aoki, Odair Furtado, Paulo Roberto de Camargo, Rachel Contrucci Alvim, Rogério Izidro Duran, Sandra Maria Sawaya, Vania Conselheiro Sequeira e Wanda Maria Junqueira Neves

Conselheiros suplentes

Adalberto Botarelli, Carla Bertuol, Edinilton Santa Rosa, Elisa Sayeg, Inez Guimarães Pistelli, José Siqueira de Brito Lyra, Márcia Cabral Meireles, Maria Regina Namura, Milton Baldon, Rafaela Cocchiola, Sérgio Ozella, Sueli Pereira Pinto e Valéria Pereira

Gerente-geral Diógenes Pepe

Comissão de Comunicação

Carolina Ribeiro, Elisa Sayeg, Elizabeth Arouca, Inez Guimarães Pistelli, Katia Rubio, Rafaela Cocchiola e Rogério Izidro Duran

Edição e textos

Luís André do Prado (MTB 2212)

Reportagem

Cristiano Tsonis

Revisão de textos

Claudia Padovani

Fotos

Márcia Zoet, Documenta

Projeto gráfico e Editoração

Fonte Design (11) 3081 5892

Ilustrações

Juliana Migueletto | Elder Tanaka | Gilberto Tomé

Impressão

Gráfica Benfca

Tiragem

48.000 exemplares

Periodicidade

bimestral

Sede CRP SP

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América  
cep 05410-020 São Paulo – SP  
tel. (11) 3061 9494, fax (11) 3061 0306

E-mails

atendimento | atendimento@crpsp.org.br  
diretoria | direcao@crpsp.org.br  
informações | info@crpsp.org.br  
Centro de Orientação | orientacao@crpsp.org.br  
Administração | admin@crpsp.org.br  
Jornal de Psicologia | jornal@crpsp.org.br  
Site http://www.crpsp.org.br

Subsedes CRP SP

Assis | tel. (18) 322 6224, 322 3932  
Bauru | tel. (14) 223 3147, 223 6020  
Campinas | tel. (19) 3243 7877, 3241 8516  
Ribeirão Preto | tel. (16) 620 1377  
Grande ABC | tel. (11) 4436 4000  
Santos | tel. (13) 3235 2324, 3235 2441  
São José do Rio Preto | tel. (17) 235 2883, 235 5047  
Vale do Paraíba | tel. (12) 3631 1315

Expediente

Fotos da capa (a partir do alto à esq.): "A criança e a praça". Luís Henrique Bragaia, 15 anos, menção honrosa / Movimento de Adolescentes Católicos de Itatiba / Caras Novas; 1º e 2º lugar (veja págs. 10 e 11); "Raciocínio intelectual censurado". Eliza Alves Maciel, 17 anos, menção honrosa; "Olhar fulminante". Daniela Picarelli do Amaral Gurgel, 16 anos, menção honrosa; 3º lugar "Fotografando a realidade". Leandro de Oliveira Pinto, 18 anos; Luís Roberto Cardoso dos Santos, 17 anos; Paulo Alberto T. Martins, 17 anos; e Ricardo Dario, 17 anos, menção honrosa / Cedeca Interlagos. Nesta página, acima: "Construindo a cidadania", Gildinei Samuel Veloso dos Santos, 17 anos; Adriano dos Santos, 18 anos, menção honrosa / Cedeca Interlagos.

“Sinto uma vontade incontrolável de fazer justiça com as próprias mãos...” (...)“Pelo menos um já está morto.”

Celso Verçoza, nas revistas “Veja” e “IstoÉ”, engenheiro cuja mulher foi morta barbaramente no Riode Janeiro, 7 e 9/05/2001.

“Sou contra a redução da maioridade penal, porque os índices que temos, levantados pelo Ministério Público, não indicam um crescimento vertiginoso da participação de menores em atos delituosos. Essa é uma grande ilusão.”

Miguel Reale Júnior, jurista.” Jornal da Tarde”, 4/12/2000.

“Aguardem até acontecer algum crime com algum parente de algum conselheiro... Quero ver se o discurso será o mesmo... (...) Que absurdo o CRP SP fazer uma campanha dessa...”

Maria Paula, no Fórum temático do site PSI/CRP SP, 29/07/2001.

“O que queremos como a Justiça? Vingança ou recuperação do menor delinqüente? (...) E não venha com essa de que se um menor me assaltasse ou matasse alguém da minha família eu mudaria de opinião, porque eu já fui assaltado e meu pai já levou tiro de menor assaltante; (...) o papel do Estado deveria ser de recuperar e sanear a sociedade e não ser um instrumento de canibalismo social”

Cláudio Alfonso, no Fórum temático do site PSI/CRP SP, de Belém, PA, 18/07/2001.

## Três anos de pluralidade e multiplicações

É chegada a hora de olhar para trás, sem perder de vista o que nos orienta a seguir em frente. Nessa última edição do "PSI - jornal da Psicologia" da Gestão 1998 - 2001, queremos dividir com vocês um pouco das experiências que julgamos mais significativas desses três anos. É muito importante perceber que a frase que expressava nosso desejo inicial - "somos trinta e queremos ser muito mais" - se tornou realidade praticada no dia-a-dia de trabalho do Conselho, ao longo desse período. Vimos continuamente multiplicado, num movimento de abertura permanente, o número de psicólogos que assumiram conosco as tarefas de cuidar da profissão no cotidiano do CRP SP.

Essa forma aberta de trabalho trouxe a pluralidade para dentro do grupo e consolidou intervenções que abarcaram o cultural, o político e a qualificação profissional. Assim, diversos projetos nasceram e desenvolveram-se por todo o Estado, como os videoclubes, os cafés filosóficos, os ciclos de debates temáticos, as sextas éticas... Intervenções que fizeram parecer

sempre pequenos os nossos auditórios e salas de reunião, pois os espaços foram sempre insuficientes para atender à resposta que a categoria nos deu, participando e contribuindo com o debate.

Nas páginas 03 e 04 apresentamos um resumo dos projetos que realizamos por meio de novas parcerias, dos eventos diversos e de uma nova comunicação para o Conselho (com a categoria e com a sociedade). Mas queremos reafirmar que o eixo do nosso trabalho - aquilo que nos ajudou a perceber as prioridades de cada momento - foi sempre uma postura intransigente em defesa dos direitos humanos, o respeito à diversidade e a defesa da inclusão do diferente, num processo em que a Psicologia pudesse contribuir - no cotidiano da prática profissional e na produção do conhecimento - com um projeto maior, que é a transformação da sociedade brasileira.

A crise social que se apresenta cada dia mais crua e desumanizadora deu tom de urgência a cada projeto e intervenção que realizamos, como foram os casos das nossas abordagens de temas como o modelo

adotado pela Febem, a defesa do ECA e da educação inclusiva, a luta antimanicomial, o sistema prisional, a psicologia do trânsito, as questões dramáticas que envolvem a saúde pública, as relações de trabalho nas organizações, a psicologia judiciária, do esporte etc. Nessa perspectiva, perseguimos nossas utopias e chegamos ao final dos três anos certos de termos ajudado a tornar mais possível o sonho de todos nós: construir uma sociedade mais justa, solidária, inclusiva, na qual as diferenças sejam enriquecedoras e a diversidade, desejada. Temos clareza, também, dos nossos limites, de que muito ficou por fazer e isso nos coloca em posição de confiar em que se mudam os atores, mas se continua avançando na perspectiva da ética e do compromisso social da Psicologia. Queremos agradecer aos parceiros de toda hora e a todos que fizeram conosco essa caminhada.

Um abraço fraterno,

**Lumêna Almeida Castro Furtado**

Conselheira-presidente do CRP SP

## Cartas

### A família explodiu

Excelente iniciativa de publicar a matéria "A família explodiu..." ("Jornal de Psicologia" nº 128); reflexiva, informativa e com um enfoque amplo. Como psicólogo, sinto falta de matérias relacionadas a outros temas atuais e que fazem parte do cotidiano de nossas práticas, como a questão do preconceito e da homossexualidade. É chocante e vergonhoso para nossa categoria profissional depararmos, ainda hoje, com colegas psicólogos que se posicionam publicamente de forma discriminatória com relação à homossexualidade. Percebemos que, algumas vezes, esse posicionamento ocorre por questões ideológicas, mas em muitos casos por pura falta de informação. Trata-se ainda de um tema tabu na sociedade brasileira, nas faculdades de Psicologia é, em consequência, por pressão social e religiosa, entre os psicólogos. Seria um fato auspicioso se o CRP SP se colocasse mais uma vez na vanguarda e levantasse esse debate... Sugestão para nossa diretoria, que aliás tem procurado sintonizar-se muito bem com os psicólogos que representa.

João Batista Pedrosa, CRP SP 06/31768.3 (jotapedrosa@uol.com.br).

*O tema proposto foi amplamente abordado na edição 115/116 deste jornal (veja site PSI/CRP SP), quando divulgamos a Resolução 01/99, do CFP, que definiu como ética a postura do psicólogo que tratar a homossexualidade como desvio de comportamento ou doença. De todo modo, o assunto pode sim vir a ser trabalhado em edições futuras. Sua sugestão fica anotada.*

### "Múltipla", site etc.

Quero parabenizá-los pela revista de Psicologia ("Múltipla"). É de excelente qualidade, matérias informativas de profundo interesse para todos da nossa área de atuação, abordando variados temas do cotidiano. (...) Tenho 22 anos de formação em Psicologia organizacional, curso atualmente o 2º ano de direito e tenho profundo interesse nos assuntos psicojurídicos.

Maria Regian Gomes Fregolente, Capital (por e-mail).

Achei muito interessante a revista ("Múltipla") nº1, "Transformação social", assim como a temática do jornal ("PSI") de nº 128. Parabéns pelo site muito criativo e com temáticas fundamentais para a formação e atuação profissional. Sou estudante de Psicologia e gostaria de saber da possibilidade de receber as publicações.

Nizia Maria Vieira dos Santos, RJ (por e-mail).

Olá! Sou professora de redação para vestibulandos e estou repassando aos alunos alguns textos de seu jornal. Eles representam uma abordagem diferente e mais madura para assuntos que são comuns, e isso é bom para os jovens!

Margarete (por e-mail).

Muito bom o padrão gráfico e o conteúdo deste site (do CRP SP) (...). Para profissionais que residem longe dos centros formadores, como é meu caso, se torna um bom meio de informação.

Ariston Marcel das Chagas, região de Ribeirão Preto, SP (por e-mail).

*Agradecemos os elogios e informamos que as publicações do CRP SP são distribuídas apenas a profissionais de Psicologia registrados no CRP SP.*

### Provão + apagão = ?

A meu juízo, autoridade que se sustenta na solidez do saber forma, educa. Autoritarismo deforma, sufoca a autoconfiança e a criatividade. Pelo prisma do autoritarismo, o provão emerge e desestabiliza instituições de ensino, universitários e seus familiares. (...) A liderança situacional criou dois conceitos fundamentais: eficiência e eficácia. Eficiência é um elemento que indica o potencial de uma pessoa, ou seja, é um processo; e eficácia verifica-se pelo produto, pelo objetivo alcançado, ou seja, o resultado. Por que não se propõe acompanhamento sistemático ao longo da formação ou deformação acadêmica? Isso será democrático e construtivo! Sr. Ministro da Educação, importa banir das mentes medíocres o apagão nefasto que invadiu, impiedosamente, a maioria das escolas de hoje: "Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo." (...) Atingiremos a modernidade perene sob a égide da pedagogia do fingimento?

José Geraldo Macedo Meireles, CRP SP 06/9117, Capital (por e-mail).

*O debate sobre a melhoria da qualidade do ensino brasileiro - em todos os seus níveis - tem sido permanente no Conselho (vide pág. 08), cujo Plenário defende muitos dos pontos de vista apresentados em sua carta. A farsa do Provão foi já comentada em artigo assinado por Ana Mercês Bahia Bock, diretora da Fac. de Psicologia da PUC-SP, na edição 118 deste jornal (veja site PSI/CRP SP).*

# Um conselho renovado e com ativa participação social

A Gestão 1998 - 2001 despede-se da direção do CRP SP, no próximo dia 21 de setembro, deixando como principal marca um jeito novo de conduzir o órgão, baseado na defesa dos direitos humanos, numa postura aberta ao debate e na ampliação dos contatos com os profissionais e a sociedade. Cresceu, no período, a representação do CRP SP nos conselhos de controle social e foram realizadas campanhas do interesse da comunidade e implementada uma comunicação moderna e bem informada.

A Gestão intensificou e aprofundou os debates sobre áreas de atuação específicas da Psicologia - muitas delas emergentes, como a Psicologia na informática ou a Psicologia do Esporte - por meio de ciclo de debates, encontros e simpósios. Olhar para o futuro implica entender as tramas do passado que nos gerou, o que vem sendo trabalhado pelo Projeto "História e Memória da Psicologia em SP" (veja na pág. 17). Abaixo um resumo do que de novo foi feito nesses três anos de trabalho:

## Comunicação: é conversando que a gente se entende

- **Nova identidade visual** - atualização da logomarca, lançada em agosto de 1999, e de todas as suas aplicações na comunicação geral do CRP SP.
- **"Jornal PSI"** - reforma gráfica, ampliação e reformulação editorial - matérias aprofundadas.
- **"Múltipla"** - criação da revista quadrimestral sobre práticas em Psicologia, lançada no período maio/agosto de 2001.
- **PSI Via Subsede** - informativo regional criado com o objetivo de estabelecer um vínculo maior entre as oito subseções do CRP SP e os profissionais das suas regiões.
- **Programa de tv Diversidade** - canal aberto com toda a sociedade, traz a cada mês psicólogos, especialistas e usuários para um bate-papo sobre um assunto específico relacionado com a Psicologia. Parceria com a TV PUC-SP, veiculada pelo canal a Cabo CNU, 15 (Grande SP). Programas disponíveis em vídeo para venda.

## Debates em novos formatos

- **Ciclos de Debates** - vários ciclos de debates temáticos foram realizados na sede e nas subseções.
- **Cafés filosóficos** - também se institucionalizaram os Cafés filosóficos, realizados inicialmente pelas subseções, em que um convidado fala sobre algum tema em ambiente descontraído.
- **Videoclubes** - na sede e subseção, foram um grande sucesso os videoclubes, em que um filme é exibido seguido de debates com especialistas.

## Parcerias produtivas e criativas

- **Café DiverCidade** - parceria com técnicos, usuários e familiares da Fundação Franco Basaglia, no sentido de estimular ações cooperativistas; foi montado no Jardim de Inverno da sede do CRP SP e funciona em dias de eventos tornando-se um ponto de encontro para os profissionais.
- **Livraria Vôo Livro** - parceria com técnicos, usuários e familiares da ONG SOS Saúde Mental, no sentido de estimular ações cooperativistas; funciona no saguão de entrada do Auditório do CRP SP e está em atividade em dias de eventos oferecendo edições de interesse para a categoria e estará em breve operando em sistema de entrega em domicílio.
- **Prêmio Arthur Bispo do Rosário** - criado em 1999, objetiva valorizar e divulgar trabalhos de usuários dos serviços de saúde mental e manter acesa a utopia de uma sociedade sem manicômios. Premia obras nas categorias artes plásticas, fotografia e poesia. Parceria com CFP, Assoc. Franco Basaglia, Assoc. Franco Rotelli e SOS Saúde Mental.

## Maior participação social

O CRP SP ampliou sua representação nos conselhos de controle social e fóruns de entidades civis municipais e estaduais, nas áreas de Educação; Saúde, Entorpecentes, Criança e Adolescente, em São Paulo.



## Vídeos e livros mantêm aceso o debate

- **Coleção "Qualificação Profissional"** - livros com artigos resultantes de eventos produzidos em parceria entre o CRP SP e a editora Casa do Psicólogo, à venda a preço de custo. Volumes: "Psicologia e Informática - Interfaces e Desafios"; "Encontros e Desencontros da Psicologia do Esporte"; "Inclusão no Trabalho, Desafios e Perspectivas" (a ser lançado); "Questões Éticas Atuais, Sob a Perspectiva do Código de Ética do Psicólogo - Pesquisas com Seres Humanos, Internet e Homossexualidade" (a ser lançado).
- **Projeto Diálogos** - série de entrevistas gravadas bimestralmente com profissionais com trabalhos de relevo na área da saúde mental. Foram gravados até agora doze volumes: *Içami Tiba; Gilberto Saffra; Helio Guilhardi; João Augusto Pompeia; Isaias Pessotti; Maria Helena de Souza Patto; Silvia Lane, Rita Celia Brambila Bega; Clotilde Rossetti; Raquel Guzzo; Antônio Carlos Cesarino; Pedro Pontual.*
- **Laudos Psicológicos** - eventos em realização conjunta com o CFP, Assoc. Bras. de Psicologia Jurídica e Assoc. Bras. de Psicologia Escolar e Educacional geraram série com cinco vídeos.
- **A Psicologia no Mundo do Trabalho** - ciclo de debates idealizado pelos integrantes da Comissão de Recursos Humanos do CRP SP gerou série com cinco vídeos.





## Psicologia e compromisso social

→ **1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia**, realizada com CFP e CRPs do Brasil, ocorreu em outubro de 2000, apresentando mais de 1.500 trabalhos, cinco mil expositores e reunindo 15 mil visitantes no Palácio das Convenções do Anhembi, SP.

→ **Campanha Contra a Redução da Idade Penal "O futuro do Brasil não Merece Cadeia"** (leia reportagem nesta edição).

→ **Comemorações dos 10 anos do ECA** – em 13 de julho de 2000, deu-se a passagem dos dez anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. O CRP SP lançou a cam-

panha "Tamanho é Documento" e realizou debates e psicodramas sobre o tema; foram realizadas manifestações públicas e em câmaras municipais em todo o Estado; houve manifestações contra a privatização da Febem; o Conselho entregou ao governo do Estado um documento com propostas alternativas ao atual modelo de tratamento dado ao adolescente autor de atos infracionais.

→ **Sistema Prisional** – ampliação dos debates com a categoria sobre a reformulação do papel do psicólogo no sistema prisional.

→ **Direitos Humanos** – foram feitos esforços no sentido de dar visibilidade à relação existente entre Psicologia e direitos humanos no cotidiano de atuação do profissional.

→ **Luta Antimanicomial** – na perspectiva da construção de uma sociedade sem manicômios, o conselho integra o Fórum da Luta Antimanicomial – em nível estadual e municipais – participando ativamente de suas decisões e, anualmente, das programações do Dia da Luta Antimanicomial, 18 de março.

## Maior participação social

O CRP SP ampliou sua representação nos conselhos de controle social e fóruns de entidades civis municipais e estaduais nas áreas de Educação, Saúde, Entorpecentes, Criança e Adolescente, em São Paulo. ●

## Seminário

# Evento abre novos caminhos para a Psicologia do trânsito

O CFP e os CRPs realizarão, nos próximos dias 23 e 24 de novembro, o seminário "Psicologia, Circulação Humana e Subjetividade". O evento surge como desdobramento de diversas ações que buscaram redimensionar a Psicologia do Trânsito, área sempre vinculada à avaliação psicotécnica dos candidatos à Carteira Nacional de Habilitação (CNH). A partir das diretrizes aprovadas no I Fórum Nacional de Psicologia do Trânsito, realizado em novembro de 1999, concluiu-se que a contribuição da Psicologia nessa área precisa se ampliar para além disso. A meta é atingir uma prática que contemple o compromisso social e ético com a sociedade, a partir de intervenções afinadas com as reais necessidades da população brasileira.

Por exemplo, a Psicologia do Trânsito deve pensar questões ligadas ao planejamento urbano, ao meio ambiente, à saúde e à educação públicas, alicerçadas na qualidade profissional e na interdisciplinaridade que o assunto envolve. O Seminário pretende ser palco da construção de novas referências e perspectivas de avanço nesse segmento da Psicologia, reunindo psicólogos e profissionais de outras categorias interessados na discussão sobre o trânsito e em sua ligação com políticas públicas de educação, trabalho, saúde e meio ambiente. A realização de um Seminário contemplando esses aspectos pode colocar a Psicologia como agente de um

processo de construção de conhecimento capaz de agregar valores sociais, éticos e políticos, problematizando o trânsito como um fenômeno que vai muito além do tecnicismo atualmente vigente. ●

## Participe!

- **Local:** Auditório Getúlio Vargas, FGV-SP, Av. 9 de Julho, 2.029, São Paulo, SP.
- **Vagas limitadas a 500 lugares**
- **Valor:** R\$ 20,00 (estudantes) e R\$ 40,00 (profissionais)
- **Informações e inscrições:** (11) 3061-9494 (ramais: 121/305); e-mail: [direcao@crpsp.org.br](mailto:direcao@crpsp.org.br)

## Programação

**Mesa de abertura com a conferência:** "Liberdade Individual e Espaço Público: Combinando Valores Políticos e Direitos Fundamentais do Cidadão".

### Mesas para debate:

- **A Psicologia na educação para o trânsito: desafios e perspectivas para a construção da cidadania**
- **Saber psicológico a serviço de quê? A responsabilidade político-social da avaliação psicológica**
- **Políticas para o trânsito: uma questão de saúde pública**
- **A subjetividade na sua relação com o trânsito**
- **Ideologia e planejamento urbano: o homem, o trânsito e a cidade.**
- **Pensando a interface entre a Psicologia Ambiental e a Psicologia de Trânsito**
- **Formação e Compromisso Social do psicólogo do trânsito**

Realização



Conselhos Regionais de Psicologia



# Rompendo a fronteira

## entre o social e o subjetivo

Ela suscita imagens inusitadas, como guerreira, bailarina ou uma pororoca em que diferentes águas se misturam em permanente turbulência. Multidisciplinar, a psicanalista, psicóloga e cientista social Suely Rolnik vem se especializando em romper fronteiras estéticas e conceituais – além de geográficas. Viveu na França por dez anos – de 1970 a 1979 – , quando trabalhou com Félix Guattari, psicanalista e ativista político falecido em 1992, e Gilles Deleuze, filósofo, morto em 1995. Nos últimos tempos, seu nome vem sendo cada vez mais vinculado ao território das artes plásticas, trabalho inaugurado com uma tese de mestrado sobre Lygia Clark, em 1978. De tudo isso ela relata nessa entrevista a Regina Favre, filósofa e psicoterapeuta corporal; Regina Neri, psicanalista; Carmela Gross, artista plástica e professora da Pós-graduação da ECA, e Peter Pelbart, filósofo e professor do Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP.



**Regina Neri** – *Nos encontramos em Paris, nos anos 60; o denominador comum entre a gente, naquele momento, era a recusa a uma espécie de clivagem entre dois discursos – o político e o subjetivo –, como sendo duas coisas separadas. Querida que você dissesse do seu encontro com o Gilles Deleuze e Félix Guattari, que lhe abre esse caminho e determina o seu percurso, nos anos 80, voltando ao Brasil...*

**Suely Rolnik** – Essa relação entre a subjetividade e a política marcou a nossa geração. Naquela época, ainda no Brasil, eu fazia Ciências Sociais e então estava ligada ao marxismo, mas ao mesmo tempo vivia intensamente a contracultura. Sou de uma geração nascida da família “Papai Sabe Tudo”, dos anos 50, apogeu de um certo tipo de subjetividade, o chamado “sujeito moderno”, que se organizava à base da ilusão de que você pode controlar as turbulências da vida, submetê-la a um modelo, planejar o futuro... O preço para manter essa ilusão, essa alucinação metafísica, é deixar anestesiada uma dimensão da subjetividade na qual, efetivamente, você é tocado pelo outro, seja ele homem, animal, uma obra de arte, uma paisagem etc; enfim, uma dimensão na qual se dá toda a experiência essencial que a gente tem a partir de como somos afetados pelo outro. Nessa família burguesa, hollywoodiana, você não tinha possibilidade de viver essa dimensão, ela não respirava. Naquele momento, quando nos tornamos adolescentes, era intolerável viver daquele jeito, era a morte. Então, rompemos radicalmente, num movimento coletivo, amplo, planetário em que tínhamos toda uma rede de sustentação e de legitimação. Por um lado, uma parte da juventude investiu maciçamente na militância – em particular na América Latina, mas não só –, em movimentos de guerrilha. Outra parte da juventude partiu para a contracultura. Eu vivia na fronteira disso, não me encaixava totalmente em nenhum dos dois. No marxismo, encontrava a possibilidade de uma consciência política, contudo isso estava totalmente dissociado da experiência cotidiana: o modo de viver, de organizar as relações amorosas, a própria subjetividade. Pelo ponto de vista de uma política da subjetividade e dos modos de exis-

tência, a militância propunha uma vida inteiramente careta, com patrulha ideológica em cima de qualquer experimentação afetiva, erótica, existencial. Era pior do que a família “Papai Sabe Tudo.” Já na contracultura se vivia essa experimentação intensamente, uma coragem que só se sustenta num movimento coletivo, era uma experiência tão radical que muitas vezes beirava a morte. Só que nessa experimentação não existia uma consciência política da realidade nem uma elaboração teórica a respeito do que se estava vivendo. Eu tinha uma convicção profunda de que não dava para separar uma coisa da outra, mas não tinha nenhum campo coletivo que legitimasse essa minha indagação. Aliás, tratei bastante disso em meu segundo livro, o “Cartografia Sentimental”, que foi minha tese de doutorado.

**Peter Pelbart** – *Você para mim é como uma pororoca... Que águas são essas que se misturam em você e como é viver essa turbulência ao longo dos anos?*

**Suely** – Desde sempre foi assim. Acho que é uma inquietação que vem do modo como vivo as coisas. O outro para mim não é só alguém que você respeita, numa atitude politicamente correta de democrata. O outro é alguém que lhe tira do lugar, que lhe faz viver algo que não se encaixa no que você dispõe como mapa e lhe leva a criar sentido, a se recriar. Essa exposição afetiva ao outro e essa necessidade de criar para dar conta do que acontece como experiência com o outro precisa de uma rede de sustentação, porque ninguém cria mundos sozinho. Muita gente pirou naquele tempo porque não encontrou essa rede. Tive a sorte de encontrar esses seres estranhos que insistem em estar o mais vivos possível e que são sempre minoritários. Encontrei uma rede de ressonância logo que cheguei a Paris, pois o movimento de maio de 68 na época ainda pulsava intensamente nas pessoas de minha geração e não só. Depois houve também os encontros que fui fazendo desde o início com a filosofia de Deleuze, de Foucault, a clínica de Guattari, a antropologia de Pierre Clastres, a arte de Lygia Clark, e o privilégio de conviver com eles todos, com exceção de Foucault que não conheci pessoalmente.



Suely Rolnik: "Não existe mudança político-social se não se mudar a engrenagem na subjetividade."

Fui circulando pelos vários campos, mas não como quem quer constituir um arquivo de erudição, e sim como quem quer encontrar uma rede de aliados para sustentar uma atitude. Encontrava e continuo encontrando operadores conceituais e práticos em cada um desses campos, para ir avançando nessa história. É uma pororoca, porque muitas linhas se cruzam para tecer essa rede de sentido e isso me dá muito tesão. Hoje estou querendo criar um ritmo entre essa turbinação incansável e o aconchego do repouso. Mas é mais um desses enigmas sensíveis que me sinto compelida a destrinchar, um desejo para o qual tenho de dar corpo, e de novo me vejo lançada à busca dos aliados com os quais criarei esse corpo...

**Carmela Gross** - *Você faz uma ponte entre filosofia, psicanálise e artes plásticas em seu trabalho, principalmente - pelo menos no começo - naquele sobre a Lygia Clark. Eu queria que você contasse um pouco desse seu modo híbrido de pensar a arte.*

**Suely** - Quando eu cheguei a Paris, fragilizada, quase morta, conheci Lygia Clark, que estava morando lá naquela época e eu nem sabia quem ela era, até então. Ela tinha sido a prima-dona da arte brasileira, enquanto artista moderna. Ficou conhecida, foi uma das primeiras artistas brasileiras com um reconhecimento internacional. Em 1963, deu uma guinada e começou uma experimentação radical, que a deixou muito isolada. Quando em 1968 fui fazer a minha tese em Ciências Humanas Clínicas, em Paris VII, Lygia me pediu que fizesse sobre seus últimos trabalhos. Ela tinha a idade que eu tenho hoje, 53 anos; eu tinha vinte e poucos, e ela intuiu que pelo fato de eu estar envolvida com o pensamento de Deleuze e Guattari, e ao mesmo tempo trabalhar com psicóticos, haveria uma possibilidade de elaboração teórica do que ela estava fazendo. Mergulhei nessa história e fiz a tese, mas não quis publicar esse trabalho e fiquei muitos anos sem mexer com isso depois.

Voltei a reencontrar a arte em 1994. O que tem-se passado entre a arte e mim é que encontro no trabalho de certos artistas a convocação de uma região da minha alma que está ali, insipiente, pedindo crescimento e que, ao compor-se com aquela obra, ganha uma oportunidade de tomar consistência. Quando me ponho a escrever, aquilo que aquele encontro me proporcionou ganha corpo num trabalho conceitual. O artista proporcionou a abertura dessa região em mim e, quando eu transformo isso em texto, também estou devolvendo para o artista em conceito alguma coisa que está na obra dele, uma versão conceitual daquela mesma coisa que ele materializou na obra. Não é que o crítico ou aquele que escreve sobre arte pense pelo artista, como se ele não pensasse, não é isso. São companheiros de viagem, cada um traduzindo aquela região da alma em determinada mídia do pensamento: uma conceitual, outra visual. Na arte, o meu maior prazer, além de encontrar no artista algo de que estou precisando, é essa contrapartida de também lhe dar algo que lhe permita avançar, ou que permita avançar um terceiro, em outra direção ainda. É um diálogo invisível entre muitos, aquela rede de sentido que vai se tecendo. E o que tem acontecido de uns anos para cá é que eu tenho me concentrado completamente nesse campo, que não está desvinculado da Psicanálise, pelo contrário, no meu entender a cura consiste em legitimar na alma de quem está se tratando a abertura para esse exercício de escuta daquilo que está pedindo passagem no sensível. Eu continuo com consultório e trabalho com muito prazer. O que a gente, tradicionalmente, faz em psicoterapia é lidar apenas com a construção fantasmática, que é consequência dessa dissociação do sensível que se consolidou nos séculos XVII e XVIII, com a formação do tal sujeito moderno. Curar é desfazer essa dissociação, não só desconstruindo a fantasmática, mas, sobretudo, fazendo da relação terapêutica uma rede de sustenta-

ção dessa atitude, como aquelas redes de que falamos há pouco.

**Neri** - *Ao religar a arte à vida, Ligia não estaria propondo igualmente fazer da vida uma obra de arte? Você não acha que a formulação de Deleuze, do pensamento como invenção de novas formas de vida, quebra as fronteiras entre o saber, a estética e a vida? A psicanálise pode ser vista como operadora de um devir criativo singular?*

**Suely** - Sou psicanalista, continuo me chamando assim e tenho boas razões para isso... No fim do século XIX, Freud ouviu o que estava explodindo no corpo das histericas; foi na mulher que aquele modo de viver dissociado passou a ser absolutamente intolerável, e essa experiência intensiva, sensível, explodiu por meio da histeria. Freud, que vinha da psiquiatria, mas ao mesmo tempo tinha toda uma formação cultural, filosófica, teve a coragem de ouvir aquele estouro, não como uma forma de explosão simplesmente neurológica, orgânica, mas como expressão de algo que deveria ser ouvido. Para isso, inventou a psicanálise, porque até então não existia nada em medicina para tratar a doença da subjetividade propriamente dita que, na época, era decorrente da decadência do sujeito moderno, que não dava mais conta da experiência social que se vivia. Acontece que a psicanálise em sua história se esqueceu disso, que, para mim, é o que a define, e tomou as teorias criadas na época, que diziam respeito àquilo que estava sendo elaborado naquele momento, como a verdade sobre o sujeito. Quando digo que sou psicanalista, o digo como quem considera que a clínica é uma intervenção em processo histórico, social, cultural. Uma intervenção específica, que trabalha a engrenagem desse processo na própria subjetividade. Não existe mudança político-social se não se mudar a engrenagem na subjetividade. Nossa função é abrir campo para aquilo que está rachando na subjetividade, aquilo que está lá em germe, para que ganhe consistência em palavras, corpo, modos de vida. Então concordo com você que a dimensão estética é intrínseca à clínica. Nesse sentido, chamo de estética a criação de uma forma - seja ela conceitual, visual, existencial - que dê conta, materialize aquilo que está em germe no sensível.

**Neri** - *Você acha que a psicanálise - ou pelo menos certa psicanálise - já é defunta ou ela tem ainda possibilidade de intervir em relação ao processo de subjetivação contemporâneo?*

**Suely** - O trabalho com a subjetividade permanece uma atividade humana fundamental nesse momento histórico. Talvez se dissolva em outros momentos históricos. Hoje, a subjetividade ainda está marcada pelo moderno, por essa dissociação que tem efeitos tão nefastos... essa forma de relação perversa em que o outro não existe enquanto outro e é um objeto a ser instrumentalizado que chegou a um grau extremo com o neoliberalismo. O outro não tem existência própria nenhuma, não há nenhuma relação afetiva, o outro não é alguém com quem se constrói o mundo; não existe nem mesmo respeito pela existência do outro, que é o mínimo que se poderia esperar.. Esse tipo de rela-

ção perversa está absolutamente alastrada, como um valor. No neoliberalismo, isso piorou tanto que ainda serão necessárias décadas, talvez séculos de trabalho com a subjetividade. Penso que o que prevalece na psicanálise é uma confusão entre teoria e atitude psicanalítica, que consiste naquilo que Freud fazia – escutar o que está pedindo passagem e criar as condições para que aquilo tome corpo; a teoria é um exercício de criação que acompanha essa tomada de consistência de um território como uma de suas ferramentas, sua cartografia conceitual. Essa é a atitude psicanalítica que Freud nos legou. Em vez disso, o que predomina não é uma identificação com essa atitude mas com a teoria que ele nos legou, então a prática psicanalítica vira uma “aplicação” de teoria sobre esse campo informe que se abre na experiência analítica, abafando seu poder de convocação da força criadora. Ora, a teoria tomada como um sistema fechado de verdade é uma traição àquilo que há de mais disruptivo na psicanálise, disruptivo

em relação ao modo de lidar com os sintomas da Medicina, ao modo de fazer teoria da filosofia, à estratégia de gestão da subjetividade. Então, há uma militância política no campo da psicanálise que se faz necessária.

**Regina Favre** - *A gente se conheceu em 1979, quando você retornava ao Brasil e, de repente, me revive mais uma vez a rebeldia. Aquele momento, com os encontros com Guattari que se seguiram, foi fervilhante como um novo 1968. Recorde essa fase...*

**Suely** - Voltei para o Brasil, quando senti que algo voltava a ser possível aqui. Isso eu devo ao Tunga, a quem conheci em Paris, nessa época. Ele estava começando sua obra. Voltei sem preparar nada. Não programei, não pensei, não elaborei. E posso dizer que não houve nenhum minuto, nenhum segundo da minha vida em que tenha me arrependido de ter voltado, embora adore Paris. Imediatamente, fui contratada pela PUC. No começo eu dava aulas na pós de psicologia social e de psicologia clínica, encontrei um campo enorme de demanda para aquilo que eu trazia. Eu vinha de uma experiência ainda quente, que era a Rede Internacional de Alternativas à Psiquiatria, movimento que teve início nos anos 70, em Paris, que congregava inúmeras práticas de transformação radical da psiquiatria que estavam acontecendo naquele momento. Participavam dessa rede, Guattari e a experiência de La Borde, com todas as ramificações disso na França, Mony Elkaim no campo da Terapia Familiar, Franco Basaglia e a experiência da Psiquiatria Democrática na Itália, Lang, Cooper, e as comunidades terapêuticas da Inglaterra, Robert Castel etc. Um novo tipo de atitude estava presente na psiquiatria da Europa inteira e, então, formamos uma rede de ligação dessas várias vivências, que virou um movimento importante e revolucionou a psiquiatria. Eu cheguei ao Brasil ainda a dez mil por hora e trouxe a notícia desse movimento para cá. Vim com um tal entusiasmo que acharam que, por trás de mim, havia um partido enorme e fizeram tudo para me seduzir, para que eu contasse qual era esse partido; e não havia nenhum partido. Eu era muito amiga do Guattari. No início, eu frequentei o seminário de Deleuze, depois trabalhei com Guattari em La Borde e nos tornamos muito amigos. Então, cheguei ao Brasil e trouxe o Guattari logo na sequência. Ele veio sete vezes ao Brasil naquela época. Foram os últimos quatorze anos de sua vida. O tesão da vida dele era estar nos lugares onde historicamente estivesse se

processando uma revolução desse tipo, se aliar e dar sustentação a essa atitude, e evidentemente, avançar em suas elaborações nesses encontros. E estávamos vivendo aqui o processo de redemocratização. Ele veio em 1982, quando foi fundado o PT, uma coisa absolutamente inédita no mundo, porque congregava todas as forças criadoras da sociedade brasileira. Dali poderia sair alguma coisa. Organizei uma viagem a cinco estados do Brasil. E a gente viajou pelo Brasil, discutindo dia e noite com aqueles movimentos emergentes de toda espécie, os diferentes grupos de minorias, as rádios livres, diferentes núcleos do PT etc. Tudo foi gravado e rendeu 700 páginas com base nas quais escrevi nosso livro. Está na sexta edição e no ano que vem sai nos Estados Unidos. O que Guattari adorava, no Brasil, e que ele não encontrava em lugar algum, só aqui e no Japão, era uma subjetividade maleável para essa passagem, um modo de organização da subjetividade que desde minha tese, em 87, chamo de antropofágico.

**Carmela** - *Se o que artista produz está em sintonia com esse viver estético, como é que fica o coletivo?*

**Suely** - Durante muito tempo, eu ficava esperando o *gran finale*. No tempo em que eu era mais romântica, que eu era mais 68. Todos temos uma alma 1968 que nos une, uma experiência que marcou a todos nós, para sempre. Mas hoje consigo separar o bebê da água do banho. O bebê de 68 é esse profundo compromisso com a vida e essa alegria quando a maré sobe. A maré sobe quando o compromisso com a vida ganha de novo legitimidade no coletivo e está no poder, de alguma forma, mesmo que não seja no governo. Está no poder por estar legitimado amplamente no campo social. O ano de 1968 foi um desses momentos e por isso é uma experiência que a gente nunca vai esquecer, havia um lado romântico. A gente ainda acreditava no *gran finale*, que não era o Olimpo das formas puras de Platão, mas era a sociedade revolucionária do marxismo ou aquela comunidade dos irmãos da contracultura, em que tudo iria desembocar um dia e nunca mais as “forças do mal” iriam vencer. Ainda éramos muito metafísicos. Essa é a água do banho que tivemos de jogar fora. Hoje, penso diferente. Foi essa a lição que Nietzsche deixou, mas que demorou muito para entranhar. Acredito mesmo que a vida é um campo de forças como ele nos ajudou a ver, desde aquela vida mais grosseirinha até aquela mais reluzente. Grosseiro e reluzente não têm a ver nem com rico ou pobre, nem com culto e inculto. Têm a ver com atitude. Vida grosseira é a do homem que só se guia pelas representações, que quer conservar as formas vigentes e que não agüenta as mutações porque acha que a vida morre quando se transforma. Vida reluzente é essa que a gente traz de 1968, que se pauta no amor pela vida e, portanto, por suas turbulentas florações. Toda vez que a vida está explodindo, pedindo passagem, é preciso fazer passar, ser cavalo dessa passagem, como no Candomblé. Mas sempre há também os que se sentem ameaçados, que querem barrar essa passagem. A vida é essa belíssima guerra de forças infinitas. Então, não espero mais que um dia a maré vá subir para sempre. ●

“Toda vez que a vida está explodindo, pedindo passagem, é preciso fazer passar, ser cavalo dessa passagem, como no Candomblé. Mas sempre há também os que se sentem ameaçados, que querem barrar essa passagem. A vida é essa belíssima guerra de forças infinitas.”



# Projeto quer reinserir Psicologia no currículo do Ensino Médio



Luciana Eliomini, psicóloga e professora em escola de Barueri, SP.

A reinserção da disciplina de Psicologia nos currículos do ensino médio – o antigo segundo grau, etapa que se situa entre o ensino fundamental e a educação superior (graduação) – foi proposta por um projeto de lei de autoria do deputado Cândido Vaccarezza, PT, apresentado à Assembléia Legislativa no último dia 27 de abril. Atualmente, o texto – que recebeu apoio oficial do CRP SP – está tramitando na Comissão de Constituição e Justiça. “Acredito que a disciplina Psicologia tem um papel importante na educação, pois possibilita o acesso a conhecimentos que contribuem para a formação dos alunos, estimulando sua concepção de ser humano, indivíduo e cidadão. A escola forma o cidadão que irá ajudar a manter ou modificar o padrão social vigente, dependendo de quais valores foram transmitidos pela prática educativa”, justifica Vaccarezza.

O projeto determina como “obrigatória a inclusão da disciplina Psicologia no ensino médio no Estado de São Paulo” e que ela “deverá ser ministrada por professores habilitados em Psicologia, conforme legislação vigente”. A definição do conteúdo programático e da carga horária seria feita pela “Secretaria de Estado da Educação e pelo Conselho Estadual de Educação, com a contribuição de especialistas e de entidades representativas da Psicologia no Estado”. “Nós apoiamos o projeto do deputado Vaccarezza, pois estamos caminhando no sentido de contribuir para a educação como um todo, muito além de fazer avaliações psicológicas”, afirma Liliane Garcez, coordenadora da Comissão de Educação do CRP SP.

O debate em torno da eliminação da Psicologia como conteúdo obrigatório do ensino médio teve início a partir de 1º de junho de 1998, quando o Conselho Nacional da Educação, CNE, aprovou os novos “Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio Brasileiro” – que substituíram a antiga Grade Curricular do Segundo Grau (atendendo às determinações da LDB). Diferentemente da “Grade Curricular” – que definia a Psicologia como matéria curricular opcional –, os “Parâmetros” estabeleceram conteúdos mínimos que cada escola, por meio de seu projeto pedagógico, adapta às suas condições. A Psicologia está colocada no bloco das Ciências Humanas, mas sem que explicitamente denominação e carga horária formal de disciplina. Sugere-se apenas que, ao serem tratados assuntos como história, geografia, sociologia e filosofia, os conhecimentos sobre Psicologia podem ser passados por meio de “di-

versas alusões, explícitas ou não”.

Para muitos, isso é o mesmo que banir a Psicologia do ensino médio, pois, com a tendência de as escolas optarem por conteúdos mais técnicos, poucas vão se interessar em ter a Psicologia como disciplina. A não-obrigatoriedade da disciplina Psicologia no ensino médio vai fazer com que “a educação se torne cada vez mais técnica, formando os alunos com vistas exclusivamente ao mercado de trabalho, esquecendo da importância da consciência crítica e do conceito de cidadania, fundamentais para a formação do ser humano. De acordo com os novos Parâmetros, cidadão é aquele que está inserido no mercado de trabalho; sendo assim, fica claro por que a Psicologia não é importante”, destaca Liliane, do CRP SP.

O problema da inclusão da Psicologia no ensino médio vai, no entanto, muito além da sua mera imposição como disciplina obrigatória. “Requer uma análise mais acurada para entender como a disciplina vinha sendo ministrada, tanto no ensino médio quanto nos próprios cursos de graduação de Psicologia. Porque existe também um rombo na própria história de como o psicólogo lida com a prática de ensino de Psicologia”, afirma a psicóloga e professora de licenciatura da USP, Leny Merch. A formação do profissional de Psicologia, segundo ela, está “direcionada quase exclusivamente para a área clínica, não havendo o estímulo necessário ao ingresso no campo escolar; as próprias faculdades de Psicologia desvalorizam e desqualificam o trabalho do professor de Psicologia, considerando-o de pouca ou nenhuma importância”, ela destaca.

Fazendo um retrospecto, em 1995 havia cerca de 400 vagas para professores de Psicologia no ensino médio em São Paulo, e o número de psicólogos interessados em ministrar a disciplina era insuficiente para atender à demanda da rede pública naquele momento. Muitos dos docentes que ministravam a cadeira eram pedagogos, passando com pouco cuidado os assuntos ligados à Psicologia. “Os novos Parâmetros vieram apenas consolidar essa política pela qual a Psicologia já havia sido deixada de lado no ensino médio”, afirma Leny. Em consequência, o número de profissionais interessados em cursar licenciatura em Psicologia tem sido ainda menor. Essa realidade só difere nas universidades particulares porque elas oferecem o curso de licenciatura acoplado ao de bacharelado: “Nesse caso, os alunos são obrigados a ter a licenciatura”, acrescenta Leny. ●

## Os casos raros de escolas que mantêm Psicologia no currículo

São raros os profissionais de Psicologia que podemos encontrar atualmente atuando como professores no ensino médio – atividade que difere da atuação como clínico escolar ou orientador educacional, ambas também atribuições do profissional de Psicologia na área do ensino. Um raro exemplar dessa atividade da Psicologia quase em extinção é a psicóloga Luciana Beliomini, professora desde 1993 numa escola técnica municipal localizada em Barueri. Ela sobreviveu à implantação dos novos “Parâmetros” do ensino médio graças ao esforço pessoal. “No final de 1997, a escola, numa tentativa de se adequar às mudanças da nova LDB, reestruturou toda a sua grade curricular, o que resultou numa mudança radical do sistema de curso. Foi então que, fundamentada em uma pesquisa que havia realizado dois anos antes, apresentei uma proposta de inclusão da Psicologia no ensino médio, que teria como conteúdo Orientação Profissional para ajudar os alunos na escolha do curso técnico. E a proposta foi aprovada”, conta Luciana.

A pesquisa a que ela se refere identificou o nível de aprovação dos alunos à sua matéria, obtendo os seguintes resultados: 86,81% dos alunos afirmaram que as aulas de Psicologia haviam ajudado no processo de escolha do curso técnico; 52,7% consideraram as aulas fundamentais e importantes; apenas 3,02% as viram como desnecessárias. Essa aprovação Luciana relaciona ao bom conteúdo oferecido durante as aulas: “Eu tinha identificado vários problemas de não-adaptação dos alunos nos cursos técnicos e, com isso, propus que fosse trabalhada a orientação profissional antes da escolha do curso”, ela explica. A disciplina de Luciana é dada no primeiro ano, pois só no segundo é que eles fazem a opção por uma área técnica, que pode ser processamento de dados, edificações, eletrônica ou secretariado.

Outras questões abordadas por Luciana em suas aulas referem-se, de modo geral, ao adolescentes, como drogas e violência. Em 1999, devido ao número crescente de alunas grávidas, o programa incluiu o tema sexualidade. “Acredito que essa disciplina deveria ser resgatada e revalorizada, não apenas como mais um campo de trabalho para a Psicologia, mas envolvendo maior preparação dos profissionais que a vão desenvolver. Muitos projetos significativos para a educação foram desenvolvidos por psicólogos no ensino médio”, ela afirma.

# Fórum Estadual em Defesa da Escola Pública é rearticulado

Lançado aos 18 de maio de 1990, o Fórum Estadual em Defesa da Escola Pública, Fedep, foi rearticulado reunindo várias entidades da educação (Apeoesp, CPP, Apase, Adusp, Adunesp, Sinpro, Afuse, Apampesp, Udemo, Ande, Andes dentre outras). O CRP SP, além de membro desde o início, agora faz parte de sua coordenação. Em carta divulgada ao público em geral, a entidade definiu seus propósitos: "O Fedep/SP constituiu-se como espaço privilegiado para avaliação e proposição de políticas públicas para uma educação voltada à cidadania e à transformação do modelo socioeconômico e político vigente. Espaço público, democrático e crítico porque considera para essa empreitada todos aqueles que queiram a ele se somar na procura de novos rumos que levem à superação da exploração e da manipulação ideológica, possibilitando a elaboração de um projeto político pedagógico comprometido com os reais interesses da população".

O Fedep/SP consiste "em uma articu-

lação de entidades acadêmicas, sindicais, estudantis e movimentos sociais", cujo principal objetivo é "a defesa da educação pública, gratuita, democrática, laica e de qualidade para todos, em todos os níveis". Nesse momento, as entidades integrantes do Fórum vêm promovendo "a reflexão sobre as questões que perpassam a educação no Estado de São Paulo, como forma de contribuir para a elaboração do Plano Estadual de Educação".

Em sua declaração de princípios, o Fedep relaciona:

1. Educação como direito de todos e dever do Estado;
2. Educação fundada na solidariedade, no diálogo, na honestidade, no respeito às diferenças humanas e culturais, na inclusão e justiça social, enfim, nos valores humanistas e na ética política;
3. Gestão democrática em todas as instâncias dos sistemas de ensino e nas unidades escolares, ou seja, com participação democrática e controle social;



4. Financiamento adequado às demandas educacionais pelo Poder Público;
5. Valorização dos profissionais em Educação, por meio de ingresso por concursos públicos, planos de carreira, piso salarial digno e oportunidades sistemáticas de formação continuada;
6. Sistema Estadual de Educação igualmente planejado quanto à elaboração, implementação e avaliação de modo a assegurar os interesses da sociedade;
7. Educação escolar como instrumento fundamental de desenvolvimento individual, social, cultural, político e econômico do país, para garantir ao seu povo os direitos básicos da cidadania e ampliar nossas prerrogativas de soberania nacional;
8. Autonomia didático-científica, assegurando o direito de cada instituição escolar construir seu Projeto Político Pedagógico.
9. Indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão no ensino superior. ●



## Não é preciso pensar muito para ir longe.

Cursos de Pós-Graduação - Lato Sensu e Atualização e Extensão Universitária na Universidade Cruzeiro do Sul

Pós-Graduação  
Lato Sensu

Psicopedagogia

Atualização e Extensão  
Universitária

Capacitação para psicólogo responsável pela avaliação psicológica e para psicólogo perito examinador do trânsito

Repensando a relação deficiência x normalidade na escola



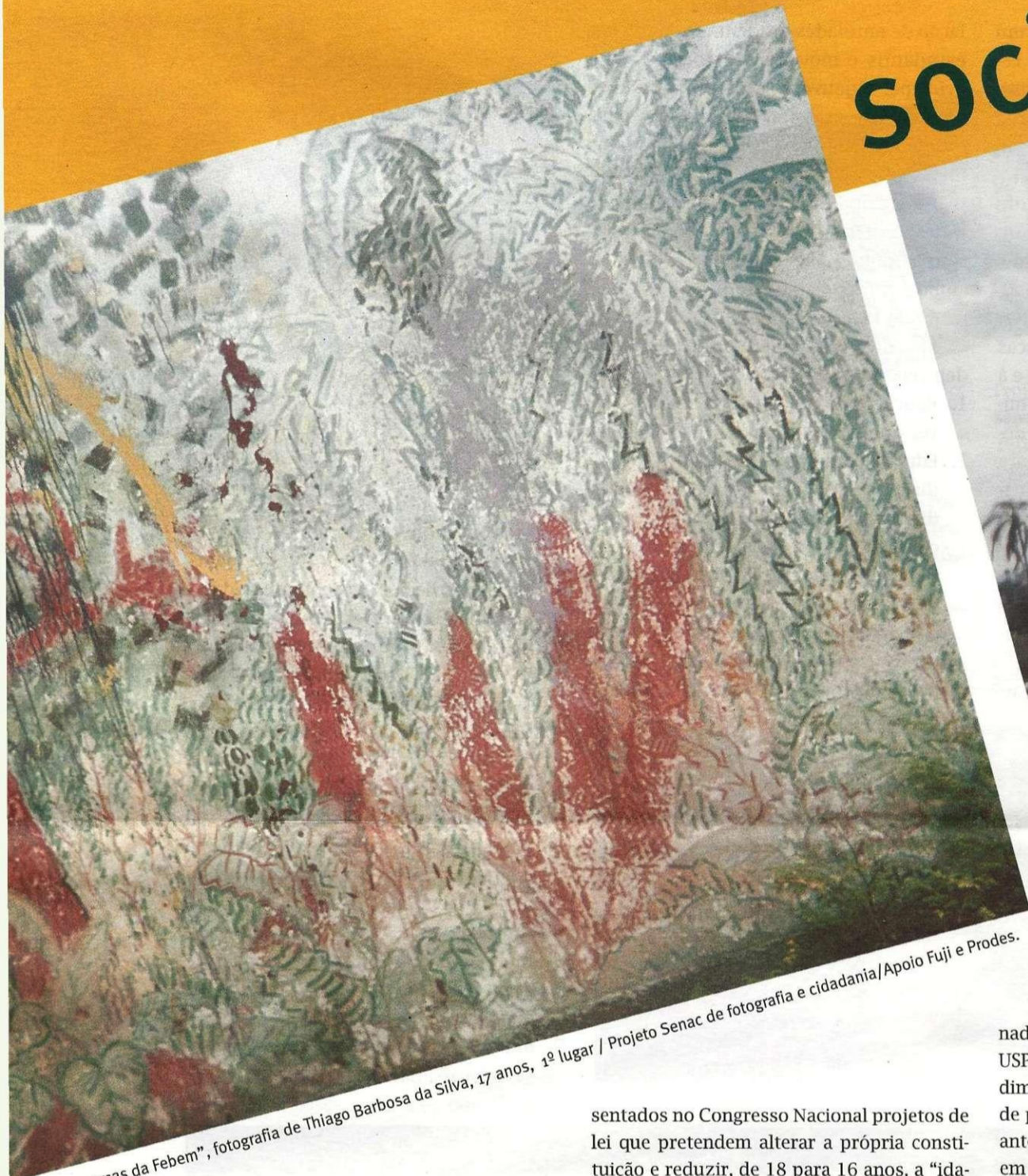
 UNICSUL

INFORMAÇÕES:  
Tels.: 6137-6734/6956-2979

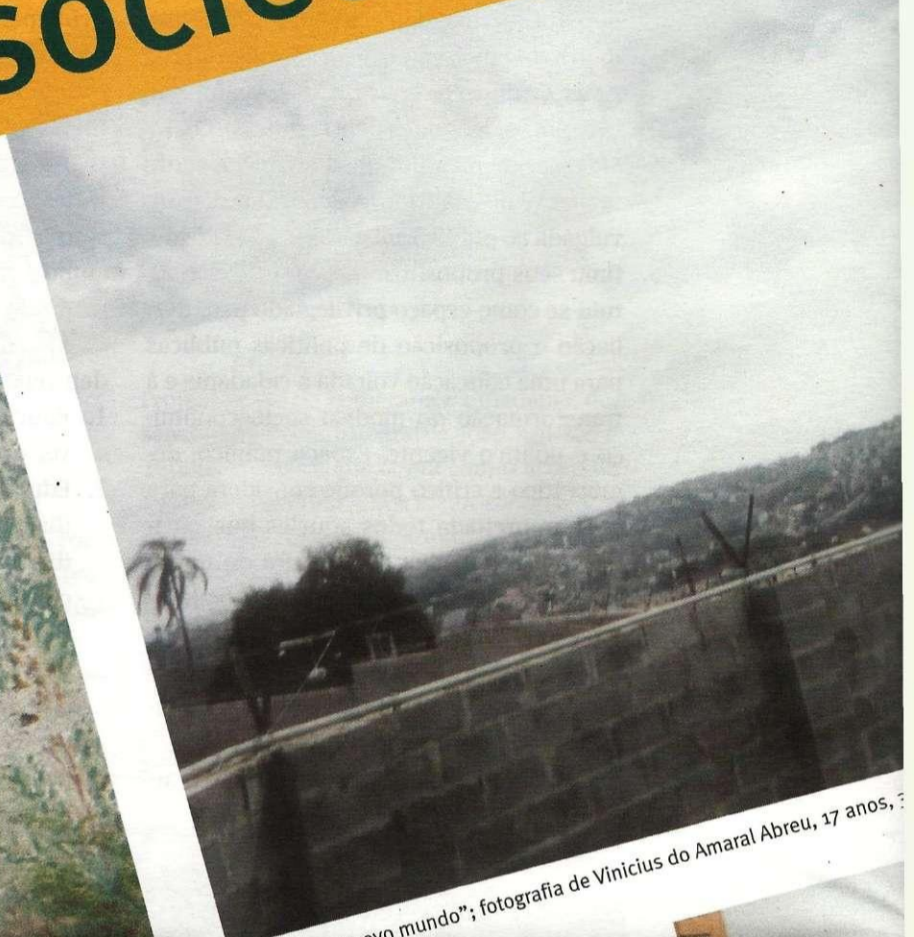
www.unicsul.br  
e-mail: pos@unicsul.br

# Ameaçada pela violência

## Sociedade deb



“As marcas da Febem”, fotografia de Thiago Barbosa da Silva, 17 anos, 1º lugar / Projeto Senac de fotografia e cidadania/Apoio Fuji e Prodes.



“Atrás de um novo mundo”; fotografia de Vinicius do Amaral Abreu, 17 anos, 2º lugar / Projeto Senac de fotografia e cidadania/Apoio Fuji e Prodes.

**N**a última década, a violência - em suas diferentes expressões - cresceu de forma assustadora na sociedade brasileira. O aumento da criminalidade, uma de suas manifestações mais visíveis, pode ser medido em números: os homicídios na Grande São Paulo passaram de 3.696 em 1985 para 9.027 em 1999 - um aumento de 144%, sendo que no mesmo período, a população cresceu 26,5% (\*) -; a população carcerária saltou de 148.760 em 1995 para 223.240 em 2001 (\*\*); até julho de 2001, aconteceram 40 chacinas com 143 mortes na região metropolitana de São Paulo (\*\*\*). Esse quadro assustador invade o nosso cotidiano através da mídia, em reportagens sobre a devastação ambiental, sobre a mortalidade infantil, sobre as chacinas brutais - quando não somos nós mesmos as vítimas -, configurando um cenário de guerra civil, com relações hostis entre os cidadãos e descrença nos aparatos reguladores do convívio coletivo. Atomizada, a sociedade passa a desejar segurança, acima de tudo, e passa a exigir dos governantes mais repressão, maior dureza no trato com os criminosos. É nesse contexto que, nos últimos anos, vêm sendo apre-

sentados no Congresso Nacional projetos de lei que pretendem alterar a própria constituição e reduzir, de 18 para 16 anos, a “idade penal” - que é a idade estabelecida pela Constituição Federal para julgar uma pessoa pela prática de crimes.

Os deputados e senadores favoráveis a esses projetos comungam o ideário que a solução para a violência reside exclusivamente no aumento da repressão policial. “É um engano pensar que a redução da idade penal reduzirá a violência. Estamos em uma conjuntura adversa e muitas pessoas acabam comprando essa idéia. Acredita-se que os jovens teriam medo da punição e da condenação e, por isso, não cometeriam tantos crimes. Só que a maior parte da população carcerária está entre 18 e 25 anos”, afirma o padre Júlio Lancelotti, integrante da Pastoral do Menor, que dedica seu tempo à luta pelo direito à dignidade dos adolescentes internados na Febem e da população de rua de São Paulo. “Não podemos aprovar e legitimar a idéia de que confinar pessoas ainda em formação no mesmo lugar em que vivem criminosos com grande poder de cooptação e influência seja a solução para o problema. É fundamental renovarmos a certeza de que a ressocialização desses jovens é possível, de que eles são cidadãos e de que a sociedade não desistiu deles”, adverte Hélio Mattar, presidente da Fundação Abrinq.

Para o sociólogo Sérgio Adorno, coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, “não existe nenhuma relação” entre a diminuição da violência e a redução da idade penal: “A redução é uma opção simplista ante a falta de políticas e de investimentos em estruturas sociais básicas. Temos por um lado uma defasagem que leva ao subdesenvolvimento na cultura, na educação, nas instituições. As seqüelas da dívida social são grandes”, alerta Eduardo Dias de Souza Ferreira, 17º promotor de Justiça da Infância e da Juventude da Capital. “Colocar os jovens nessas cadeias que estão aí só aumentará o problema. Isso apenas se justifica em uma sociedade que só vê como saída a punição e que tem um desejo obsessivo por reprimir”, completa Sérgio Adorno.

O concurso promovido pelo CRP SP, com a finalidade de envolver adolescentes e educadores nesse debate (veja na pág. 12) é parte de uma campanha que a entidade lançou no início de 2000 objetivando aprofundar e qualificar essa discussão, já que muitos têm aderido à idéia da redução da idade penal, numa resposta imediatista e emocional ao problema da violência. Comprova isso um abaixo-assinado proposto pelo movimento “Crime não tem idade - maioria penal aos 14 anos” que conseguiu angariar 914.622 assinaturas (parcial obtida até 30/10/00, segundo o site do movimento). “Não cabe considerar que um ‘homem’ de 15 ou 16 anos não entenda o ato do crime. Os sistemas penais europeus e norte-americanos consideram responsáveis, criminalmente, jovens

# cia,

# ate idade penal

## Adolescente autor de ato infracional é transformado em "bode expiatório" e responsabilizado pelo aumento da violência

com idade a partir de 10 ou 12 anos, impondo-lhes então o cumprimento de penas, logicamente em condições diversas daqueles criminosos de idade adulta", afirma o deputado estadual Campos Machado (PTB), líder do movimento. "O que acontece é que quando se fala da redução da idade penal se toma o exemplo de países da América do Norte e da Europa Ocidental, que têm jovens com condições de vida completamente diferentes das de países da América latina. Particularmente, diferentes de uma sociedade como a brasileira", rebate Sérgio Adorno, da USP.

Por trás da adesão de muitos à redução da idade penal está também a desinformação sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA, lei instituída em 13 de julho de 1990, que regulamenta direitos e deveres da sociedade envolvendo a infância e a juventude no Brasil. Considerada uma das leis mais modernas do mundo no trato da questão, o ECA é desrespeitado por governantes e desconhecido pela população. "É fundamental que a sociedade conheça o Estatuto e o legitime, cobrando do poder público ações concretas e efetivas de atendimento aos seus adolescentes que cometeram atos infracionais. Não podemos decretar a falência de um modelo que nem sequer foi implantado corretamente. As pessoas acreditam que o ECA protege os adolescentes que cometem atos infracionais e nós sabemos que não é verdade. Ele prevê medidas socioeducativas que podem e devem ser aplicadas, conforme a infração cometida", aponta o presidente da Abrinq.

Por apresentarem resultados de médio prazo - pelo

que também são mais efetivas - as medidas socioeducativas propostas pelo ECA acabam por não sensibilizar a população, que age movida pela lógica vingativa diante de quem comete ato violento: "Não é lugar-comum afirmar que algumas das causas dos delitos praticados por adolescentes são fatores como a pobreza, a falta de opção de lazer e de educação de qualidade, a falta de cuidados familiares adequados. Se houver investimentos sociais nas regiões mais pobres, temos convicção de que diminuiremos drasticamente o número de adolescentes que cometem atos infracionais", continua o presidente da Abrinq. À essa lógica da vingança, o CRP SP busca contrapor a lógica da responsabilidade. Para o padre Júlio Lancelloti, a redução da idade penal nada mais é do que um desejo da sociedade de livrar-se de um problema. "A sociedade quer reduzir a sua responsabilidade sobre o jovem. Em vez de ter a necessidade de garantir o processo educativo e a profissionalização até os dezoito anos, pretende-se reduzir o tempo de responsabilidade baixando a maioridade", indigna-se.

Felizmente, há vários bons exemplos de programas de ressocialização dos adolescentes orientados pelo ECA. Um deles acontece em Belém, Pará, resultado de uma parceria do Poder Judiciário, por intermédio da 24ª Vara Cível de Belém, com a Universidade da Amazônia. O Pólo Unama de Liberdade Assistida Comunitária vem garantindo atendimento a cerca de 200 adolescentes. Em dois anos, não houve nenhum caso de reincidência. Outro programa positivo vem da cidade de Belo Horizonte, onde a Prefeitura mantém um programa pelo qual membros da própria comunidade atuam como tutores-voluntários de jovens em liberdade assistida: a reincidência é de menos de 30%. Outro exemplo no atendimento de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em meio aberto vem de São Bernardo do Campo, SP, por meio da Fundação Criança, que tem conseguido records em baixos índices de reincidência. ●

(\*) Dados fornecidos por José Vicente da Silva Filho, pesquisador de segurança pública do Instituto Fernand Braudel e consultor do Banco Mundial, em artigo publicado pelo "JT" em 21/12/00

(\*\*) Secretarias de Segurança Pública/ Site Ministério da Justiça

(\*\*\*) "Jornal da Tarde"

"Liberdade", fotografia de Rosana da Silva Santos, 17 anos, 2º lugar. / Assoc. de Apoio aos Meninos e às Meninas da Região da Sé.

lugar / Projeto Senac de fotografia e cidadania/Apoio Fuji e Prodes.





Apresentação do grupo Discípulos do Ritmo (à esq.); e exposição das fotos premiadas (à dir).

## Concurso

# Liberdade é palavra recorrente entre os trabalhos vencedores

Um total de 568 autores - entre adolescentes e educadores - inscreveram 434 trabalhos no **Concurso Contra a Redução da Idade Penal e a Favor da Cidadania**, promovido pelo CRP SP. Em cada modalidade, foram selecionados quinze trabalhos, dentre os quais os três primeiros colocados, que receberam os seguintes valores em dinheiro: 1º lugar, R\$ 1.000,00; 2º lugar, R\$ 800,00; 3º lugar: R\$ 500,00. O Concurso integra a **Campanha Contra a Redução da Idade Penal**, realizada pelo Conselho desde o início do ano passado com o apoio de diversas entidades defensoras da implantação do ECA, objetivando aprofundar o debate sobre o tema: "Queremos levar mais informações, qualificar as discussões sobre essa questão de fundamental importância para nossa sociedade, que afeta todos os adolescentes, independentemente de classe social", argumenta Maria de Lourdes Trassi Teixeira, coordenadora da Comissão da Criança, Adolescente e Família do CRP SP.

Na avaliação da fotojornalista Iolanda Husak, integrante do júri que selecionou os vencedores da modalidade "Fotografia", o elemento "emocional" orientou as abordagens do tema em boa parte dos trabalhos inscritos: "O emocional esteve presente e representou a interpretação que os adolescentes fazem sobre a redução da idade penal", ela afirma. Também integrante do júri, na modalidade "Texto", a jornalista Monica Rodrigues Costa diz que procurou priorizar, na avaliação dos trabalhos, "o desenvolvimento da idéia, o nexos lógico, o nexos causal", pois era a visão "de um adulto a examinar o texto de um ser em desenvolvimento".

Não por acaso, a palavra "liberdade" foi um termo recorrente nos trabalhos vencedores, fossem textos (veja ao lado), títulos de fotos, fossem letras de músicas. Por exemplo, a capoeira "Ainda Há Tempo, Me Ensine a Viver", de Vânia Fátima da Silva: "Eu sou criança, não sou bicho, / quero viver em liberdade". Estudante do Colégio Estadual Cidade de Hiroshima, no Parque do Car-

mo, Capital, ela soube do Concurso pelo educador Carlos Raça, que a incentivou a compor, a partir do vídeo "O futuro do Brasil não merece cadeia", exibido para os alunos. Resultado: a música faturou a terceira classificação: "Coloquei-me no lugar do jovem infrator e me inspirei nisso", explica a futura advogada. Também premiados, os parceiros Caio Mattoso, Suely Cavalcante e Pedro Ferrarini traduziram na letra da música "Pra Ficar na Cabeça", a dura realidade dos garotos pobres, bem diversa da que eles próprios vivem: "Filhos de rua./ Vidas secas, noites cruas / Cadê a pureza que um dia foi de natureza / Falta poesia nessa fantasia de viver...".

O título escolhido pela adolescente Daniela Picareli do Amaral Gurgel - a primeira a se inscrever no concurso - para sua foto, que recebeu menção honrosa, foi "Olhar Fulminante". Ela soube do Concurso por meio de um cartaz afixado no Colégio Santa Cruz, Alto de Pinheiros, Capital, e na mesma hora resolveu participar: "Nem todos os jovens alcançam a maturidade da mesma forma, mas aos 18 anos, a chance de ser responsável é maior", ela acredita. Para Daniela, "fotografia é arte" e sempre que possível ela põe sua câmera em uso; mas planeja mesmo é cursar História.

Já para Thiago Barbosa da Silva, autor da foto "As Marcas da Febem" - primeiro lugar - a fotografia é "uma forma de comunicação com o mundo". De olhar desconfiado e tímido, Thiago não esconde o desejo de um dia vir a se tornar um profissional do ramo. Menção honrosa com a foto 'Sonhos', Gilvan Araujo Santos, que esteve interno na Febem, mas já está em liberdade, conta que "quando se olha o mundo de dentro (da Febem) para fora, a gente sonha; sonha estar com a mãe e o pai, sonha com tudo; e esse é o motivo do sofrimento lá dentro". Gilvan faz parte do

Projeto Senac de Fotografia e Cidadania, desenvolvido pelos fotógrafos João Kulcsár e Tatiana Wexler e que conta com o apoio da FujiFilm e do Prodes. Seu maior sonho é "um dia ser feliz, estar com a minha família, ter um bom emprego; mas sair da Febem em primeiro lugar". ●

### Júri do concurso, por modalidade:

**Texto:** Monica Rodrigues Costa, pedagoga, jornalista, editora da "Folhinha"; Miton Jung, jornalista da Rádio CBN e Rede TV; e Miguel Perosa, psicólogo, prof. da PUC-SP e autor do livro "Descobrendo a Si Mesmo - a Passagem para a Adolescência".

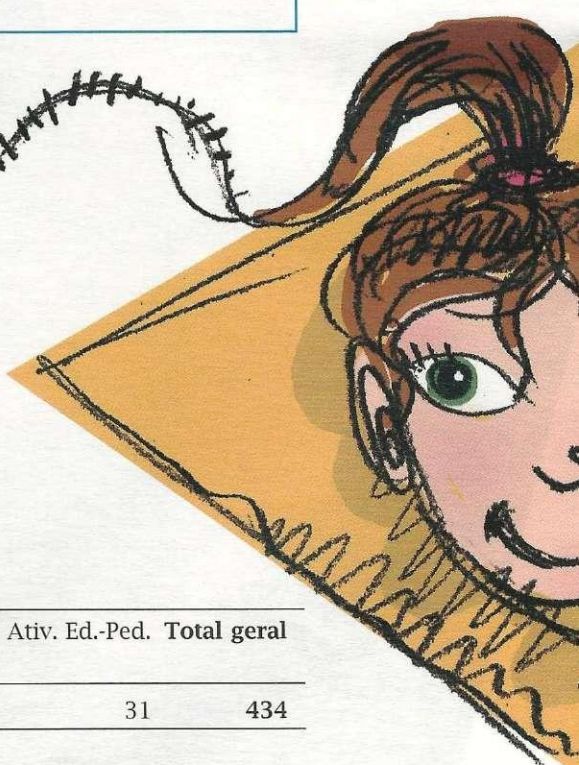
**Música:** Camilo Carrara, compositor e prof. da Universidade Livre de Música; José Carlos Gomes Ferreira, compositor e prof. da Universidade Livre de Música; e MC Gaspar, rapper, integrante do grupo Hip Hop Z'Africa Brasil.

**Fotografia:** Iolanda Husak, fotojornalista; Jorge Araújo, fotojornalista da "Folha de S. Paulo"; e Carlos Penteado Figueira de Mello, fotógrafo documentarista.

**Atividade educativo-pedagógica:** Yara Sayão, psicóloga e profa. da USP; Antenor Vaz, educador e coord. do Programa Aprendiz/Comgás; Isa Maria Ferreira da Rosa Guará, pedagoga e membro do CENPEC.

### Os números do Concurso

	Foto	Música	Texto	Ativ. Ed.-Ped.	Total geral
Trabalhos por categoria	24	34	345	31	434
Municípios por origem dos autores	7	15	54	19	67



# Letras das músicas premiadas

## "PRA FICAR NA CABEÇA"

Letra (trecho) da música de Caio Mattoso, 17 anos, Suely Cavalcante, 16 anos, e Pedro Ferrarini, 17 anos. 1º lugar, do bairro Vila Mariana, São Paulo, SP.

Aí doutor, passa a grana, a grana e tudo que cê tem de valor...

Vai, vai, não embaça, eu tô armado, hein  
Que? Se eu tô drogado... cê tá louco sangue bom, cê acha que eu quero sua grana pra quê, hein? Agora anda logo, não embaça, não embaça, eu não tenho todo o tempo do mundo não...

Acelera aí, vai, vai, acelera, vai... (...)

E a gente que vê tudo na televisão

Perde a noção de como é frio o coração

Vale a pena ir pro inferno

Quando não se tem calor no inverno

Essa agonia que vem de noite e vai de dia

Ao amanhecer

Escute aqui meu irmão e peço que não se esqueça

Isso não é bobeira, não, é pra ficar na cabeça

Pena! Que isso tudo faz parte desse nosso sistema

A pena! Com certeza não é a nossa melhor solução

A nossa juventude não merece cadeia

Pra que condenar quem já nasceu condenado essa é a pena

de ser pobre no Brasil

O futuro só colhe o que a gente semeia (...)

## "ENSINEM ÀS CRIANÇAS O AMOR"

Trecho do texto de Bruno Cesar Prior Rocha, 17 anos, 1º lugar, de Araraquara, SP.

No mesmo instante em que uma personagem varria todo o lixo para baixo do tapete, na televisão, e meu primo jogava sob o sofá um pouco de sujeira, eu pensava nesta mania brasileira de esconder, tirar de contato, fazer sumir, tudo aquilo que possa vir a incomodar. Em alguns minutos já tinha em mãos todos os argumentos necessários para admitir mais esse brasileiro, só faltava uma prova. Então lembrei: o Código Penal brasileiro não pode, por lei, ser aplicado a menores de dezoito anos. Quem regulamenta direitos, deveres e punições destes é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - vale lembrar: o documento brasileiro serviu de base para similares no mundo desenvolvido.

A principal diferença entre os dois é que no primeiro as sanções não têm o caráter socioeducativo do segundo; aos jovens, por terem uma maior chance de recuperação, são previstas penas como o ressarcimento dos danos causados, a prestação de serviços à comunidade, a liberdade assistida e, apenas em último caso, a reclusão. Portanto, uma devida aplicação do Estatuto (algo que não vem ocorrendo) aumentaria a possibilidade da volta ao convívio social para muitos menores. A diferença tem causado algumas divergências. (...)

É demagogia acreditar em algum potencial de recuperação nas Febens e considerá-las diferente do previsto pelo Código Penal. Fato é que no Brasil quase não há movimentação em prol da recuperação de detentos (maiores ou menores): errou, está condenado à exclusão. (...)

## "QUERIDA MÃE"

Trecho do texto de Cristiane Alves Nogueira, 17 anos, 3º lugar, do bairro Itaquera, São Paulo, SP.

Querida mãe.

Recebi sua carta e fiquei feliz em saber que a sua saúde melhorou.

Já faz cinco meses que estou na Febem e a vida aqui é muito difícil.

Andei pensando muito na minha vida e percebi que todos os meus planos para o futuro e os meus sonhos foram em vão. (...)

Sei que vai demorar muito pra eu sair, mas na senhora eu encontro forças para superar tudo isso e espero que algum dia sinta orgulho de mim. Eu fiquei sabendo que o governo quer reduzir a idade penal para dezesseis anos, e se isso for aprovado a minha situação irá piorar. Tenho apenas dezesseis anos e tenho medo de que a pouca esperança que ainda me resta se acabe. Mas não fique preocupada, porque eu sei que lá fora existem pessoas conscientes que vão lutar para que isso não aconteça. Fique com Deus e reze por mim.

Um beijo, de seu filho José.

"Alternativas para exclusão: habitação com dignidade"; fotografia de Willian Borges de Santana, 17 anos e de William Pinheiro dos Santos, 17 anos, menção honrosa (à esq.) / Cedeca Interlagos. "O lazer como direito"; fotografia de Leonardo Luiz dos Santos, 18 anos, menção honrosa / Cedeca Interlagos (à dir.).

## "CADEIA NÃO"

Letra (trecho) da música de Vagner Santos da Silva, 13 anos, e Karina Andressa de Jesus, de 16 anos. 2º lugar, do bairro São Gonçalo, São Paulo, SP.

Suas leis incabíveis não vamos tolerar, sou o Vagner Beck chegando pra somar.

Desta vez pra falar de algo preocupante, para o futuro do Brasil ainda mais importante.

Eu vou usar a minha força verbal contra a redução da idade penal. Mais uma lei que eles querem aprovar pra nos marginalizar ao invés de educar. Constroem prisões no lugar de escolas, Febem não recupera, ela piora, eu vejo o exemplo quase todo dia. Sou a favor da cidadania.

ECA e CRP são nossos aliados, siglas fortes do nosso lado, escute o meu recado.

A repressão só provoca indignação,

Diga sim cidadania, cadeia não.

À repressão só provoca indignação,

Tenho direito de ser cidadão. (...)

## "AINDA HÁ TEMPO, ME ENSINE A VIVER"

Letra (trecho) da música de Yânia Fátima da Silva, 13 anos, e Carlos Bezerra da Silva é educador, ... anos, 3º lugar, do bairro Nossa Senhora do Carmo, São Paulo, SP.

Ó Deus Ó Pai peço axé pra toda gente  
Aos meus irmãos, que me tratam indiferente  
Todos aqueles, que um dia me maltrataram,  
E os meus filhos, na cadeia, eles jogarão,  
Vejo tristeza, no olhar de tanta criança,  
(...)

Eu só lhe peço, a única oportunidade,  
Quando eu tiver dezoito anos, serei um homem de verdade

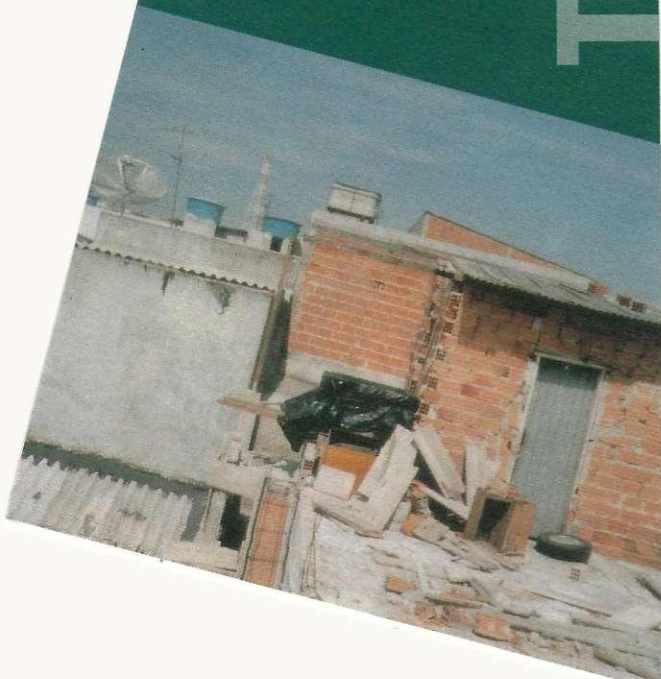
Trago no peito a única felicidade,

Eu sou criança, não sou bicho,

Quero viver em Liberdade

Ai, ai, ai de, ajuda as crianças da rua viver

Ai, ai, ai de, ainda há tempo, me ensina a viver  
(...)



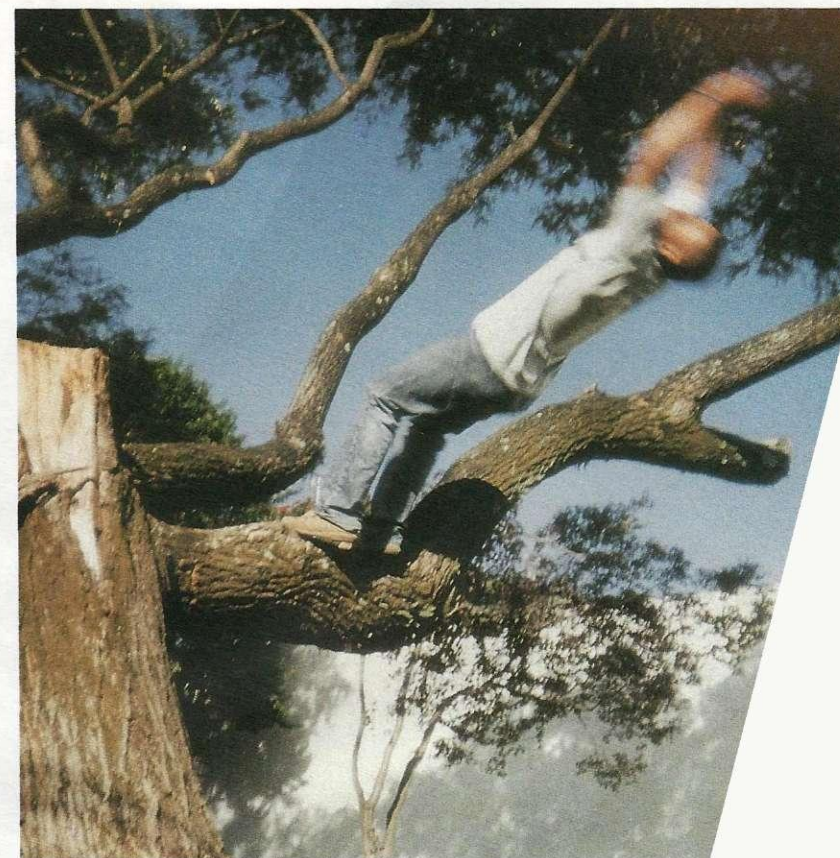
# Atividades pedagógicas premiadas

## "REDUÇÃO DA IDADE PENAL: PROBLEMA OU SOLUÇÃO?"

De Sônia Regina Rampim Florêncio, professora de História, e Cármen Sílvia Portela Santos de Lima, professora de Língua Portuguesa e Redação. 1º lugar, de Tatui, SP.

O golpe da maioridade de Dom Pedro II, em 1840, foi o ponto de partida para motivar 27 alunos da 6ª série do Bem Me Quer - Centro de Estudos Integrados - a discutirem a redução da idade penal. A mudança na Constituição de 1824, que conduziu o "menino" Pedro, de 14 anos, ao trono imperial, transportou os alunos para a posição do jovem imperador e motivou a polêmica sobre a conveniência das mudanças de acordo com interesses conjunturais. A construção de textos nas aulas de História e Língua Portuguesa, a sondagem com a comunidade e o debate sistematizado foram estabelecendo os nexos entre o Golpe da Maioridade e o tema do projeto, a Redução da Idade Penal.

"À medida que os alunos perceberam que a situação histórica se adequava ao momento político, viram que isso também poderia acontecer hoje, atendendo a interesses casuísticos", afirma Sônia. O ECA foi alvo de pesquisa, principalmente quanto às medidas socioeducativas. Essa pesquisa foi complementada com textos que levantam questões atuais que influenciam a vida de crianças e adolescentes, como situações de exclusão, trabalho insalubre, violência e evasão escolar. Por fim, a apresentação de versões musicais com o posicionamento do grupo em relação ao tema teve, como resultado, a unanimidade de grupos contrários ao rebaixamento da idade penal.



"A impressão que dá é de que um jovem segue sua trilha comparando-se com os galhos das árvores"; fotografia de Fábio Alves da Silva, 16 anos, menção honrosa / Projeto Senac de fotografia e cidadania/Apoio Fuji e Prodes.

## "OFICINA PEDAGÓGICA SOBRE A MAIORIDADE PENAL"

De Tuto B. Wehrle, educador do CEDECA Interlagos, 2º lugar, do bairro Interlagos, São Paulo, SP.

A Oficina de Reflexão Sobre a Maioridade Penal foi elaborada para capacitar educadores do CEDECA Interlagos a coordenarem debates sobre essa temática. Além dos educadores do CEDECA, participaram representantes do Fórum DCA da Capela do Socorro, de SAS e de comunidades da região da Capela do Socorro, totalizando 40 pessoas. Divididos por eixos de argumentação em cinco grupos, os participantes discutem o tema e utilizam cartelas que sintetizam o raciocínio lógico, desconstruindo a argumentação de quem defende a redução.

Os participantes intervêm, perguntam, questionam até o debate final, enriquecido com informações sobre o Movimento contra a Redução da Maioridade Penal do Estado de São Paulo. A Oficina foi reproduzida em outros espaços e os materiais utilizados estão sendo multiplicados para reprodução sem a presença de educadores do CEDECA Interlagos. A ideia para construção da oficina surgiu para Tuto Wehrle durante um debate numa rádio local de Interlagos. Ela já foi testada em escolas, hospitais e entidades: "Na Delegacia de Ensino, o debate foi quentíssimo. Muitos professores que defendiam a redução, depois da oficina, reviram suas posições ou ao menos perceberam que a informação contribuía para uma melhor reflexão", conta Wehrle.

## "REDUÇÃO DA IDADE PENAL: O QUE TEMOS COM ISSO?"

De Milton Alves Santos, graduando em Pedagogia, 3º lugar, do bairro Ermelino Matarazzo, São Paulo, SP.

O projeto VIVAVÍDEO, da Escola Estadual Condessa Filomena Matarazzo, existe desde 1996 e produz audiovisuais com o objetivo de aprimorar, nos jovens, a capacidade de questionar, refletir e compreender. Por meio do vídeo, o projeto aborda temas relacionados ou não ao currículo, organizando acervo próprio sob orientação dos interesses dos jovens, divulgando a arte do cinema, utilizando temas abordados em documentários, estudos científicos ou vídeos didáticos.

A produção do programa foi feita a partir de uma pesquisa que teve como tema a redução da idade penal, envolvendo 25 estudantes do 2º ano do Ensino Médio, integrantes de um projeto autônomo denominado Projeto TV. "Utilizamos o ECA como fonte de pesquisa, comparando-o inclusive com seu antecessor, o Código de Menores. A pesquisa foi ampliada com o livro "Pedagogia Social de Rua", de Maria Stela Graciani, com a Constituição Brasileira e com artigos de jornais e revistas", afirma o educador.

"A natureza, mas só que as grades nós impedem de chegar até ela"; fotografia de Renato dos Santos, 17 anos, menção honrosa / Projeto Senac de fotografia e cidadania/Apoio Fuji e Prodes.

# Decisão no Congresso depende da mobilização social



debate é da sociedade e a decisão sobre reduzir ou não a idade penal está nas mãos dos nossos congressistas. A primeira Proposta de Emenda Constitucional, PEC 171, definindo a "imputabilidade penal" - ou seja, a responsabilização penal - ao maior de dezesseis anos e alterando o Artigo 228 da Constituição Federal, partiu do então deputado Benedito Domingues, ainda em 1993. Posteriormente, foram anexadas a essa proposta original outras quatorze PECs (veja relação abaixo) na Câmara dos Deputados. No Senado, existem três propostas, que passaram a tramitar em conjunto no dia 19 de abril de 2001. A principal delas é a PEC 020, de autoria do ex-senador José Arruda (PSDB-DF), aquele

que renunciou, após o escândalo do painel eletrônico.

A socióloga Jussara de Goiás, assessora do Instituto de Estudos Socioeconômicos, Inesc, e coordenadora do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, monitora o andamento desses projetos no Congresso. Ela explica que a discussão sobre a redução no Congresso tem um longo caminho pela frente. "Caso a Comissão de Constituição e Justiça, CCJ, aprove a PEC 171, estaria apenas decidindo se o Congresso pode discutir a questão, pois existe uma corrente que defende que as propostas alterariam uma cláusula pétrea da Constituição, contestando portanto a sua constitucionalidade", ela afirma. Se a CCJ admitir a inconstitucionalidade desses projetos, eles serão arquivados. Caso contrário, será instalada uma comissão especial para examinar o mérito das propostas. Porém, se a "luta é longa, existem alguns jogos com os quais temos de tomar cuidado", alerta Jussara.

O trabalho da Frente Parlamentar pela Criança é importantíssimo nesse controle. Ela conta com 73 parlamentares, dentre deputados e senadores, que assinaram uma carta de princípios tendo como base o ECA e a defesa dos direitos da criança. "É preciso esclarecer que o objetivo da limitação da responsabilidade penal aos 18 anos é impedir que os jovens abaixo dessa faixa etária, ao praticarem ações capituladas como crimes, venham a sofrer inconvenientes desastrosos do procedimento penal comum e do cumprimento de pena em estabelecimentos fechados, reservados aos adultos", adverte a deputada Rita Camata, coordenadora da FPC.

Mas o que pensam os deputados que defendem a redução da idade penal? Aproveitando-se da desinformação acerca do ECA, esses parlamentares ganham holofotes defendendo a punição aos adolescentes. Jair Bolsonaro (PPB-RJ) apresentou a PEC 301/1996 e não poupou exibir sua ferocidade: "O erro da minha proposta é que eu não pude implementar a pena de morte", lamenta. Bolsonaro, que chegou a defender o fechamento do Congresso, diz sobre o ECA que "infelizmente eu li esse troço" e alardeia que "gostaria de tocar fogo nisso aí". Também defensor da redução, o deputado Luiz Antônio Fleury Filho (PPB-SP), governador do Estado à época do massacre do Carandiru, é autor da PEC 068/1999. Ele diferencia que seu projeto não mistura adolescentes com os criminosos comuns: "Pretendo é que sejam criados estabelecimentos carcerários para criminosos com a idade de 16 a 21 anos, com melhores condições de lhes oferecer estudo, profissionalização, trabalho e reintegração social". A essa lógica vingativa, a melhor contraposição é a implantação do ECA, o que depende da mobilização da sociedade. Neste momento, o CRP SP está participando de audiências públicas sobre o tema em diversas cidades do interior de São Paulo. ●

## Quem quer a redução da idade penal?

Abaixo, os deputados e senadores que elaboraram projetos pela redução da idade penal.

### Câmara dos deputados:

- PEC 00171 de 1993 - Benedito Domingos (PTR-DF) - propõe 16 anos;
- PEC 00037 de 1995 - Telmo Kirst (PPR-RS) - propõe 16 anos;
- PEC 00091 de 1995 - Aracely de Paula (PFL-MG) - propõe 16 anos;
- PEC 00301 de 1996 - Jair Bolsonaro (PPB-RJ) - propõe 16 anos;
- PEC 00386 de 1996 - Pedrinho Abrão (PTB-GO) - propõe 16 anos;
- PEC 00426 de 1996 - Nair Xavier Lobo (PMDB-GO) - propõe 16 anos;
- PEC 00531 de 1997 - Feu Rosa (PSDB-ES) - propõe 16 anos;
- PEC 00068 de 1999 - Luiz Antônio Fleury Filho (PTB-SP) - propõe 16 anos;
- PEC 00133 de 1999 - Ricardo Izar (PMDB-MS) - propõe 16 anos;
- PEC 00150 de 1999 - Marçal Filho (PMDB-MS) - propõe 16 anos;
- PEC 00167 de 1999 - Ronaldo Vasconcellos (PFL-MG) - propõe 16 anos;
- PEC 00169 de 1999 - Nelo Rodolfo (PPB-SP) - propõe 14 anos;
- PEC 00633 de 1999 - Osorio Adriano (PFL-DF) - propõe 16 anos;
- PEC 00260 de 2000 - Pompeo de Mattos (PDT-RS) - propõe 16 anos;
- PEC 00321 de 2001 - Alberto Fraga (PMDB-DF) - sem idade específica, estabelece que a maioria seja fixada depois que forem observado os aspectos psicossociais do adolescente infrator por uma junta de saúde, integrada inclusive por psicólogos.

### Senado:

- PEC 00018 de 1999 - Romero Juca e outros (PSDB-RR) - propõe 16 anos;
- PEC 00020 de 1999 - José Roberto Arruda e outros (PSDB-DF) - propõe 16 anos;
- PEC 00003 de 2001 - José Roberto Arruda e outros (PSDB-DF) - propõe 16 anos.

"O contraste da realidade: prédios X favelas", fotografia de Elvia Souza Silva, 18 anos, menção honrosa / Cedeca Interlagos (no alto). "Um beco com saída", fotografia de Natalia Cardoso de Oliveira, 17 anos, menção honrosa / Movimento de Adolescentes Católicos de Itatiba/Caras Novas (acima). "Sonhos", fotografia de Gilvan Araújo Santos, 17 anos, menção honrosa / Projeto Senac de fotografia e cidadania/Apoio Fujii e Prodes (à dir.).



# Entender o passado para construir o futuro

Conselho lança os primeiros trabalhos resultantes do Projeto História e Memória da Psicologia em SP

“Cuidar da profissão” é a tônica da atual gestão do CRP SP, e isso inclui um resgate das dimensões históricas locais da Psicologia, para que melhor possamos compreendê-la. Nesse âmbito, surgiu em meados de 1999 o Grupo de Trabalho História e Memória do CRP SP, responsável pelo projeto História e Memória da Psicologia em SP. Os primeiros resultados desse projeto estão sendo agora apresentados à categoria em forma de documentários em vídeo e de dados históricos, que estarão disponíveis no *site* do Conselho ([www.crp.org.br](http://www.crp.org.br) Acervo/Memória da Psicologia SP). “Queremos contribuir para a permanente construção da identidade da Psicologia. Para isso, precisamos voltar e entender como ela vem se desenvolvendo ao longo do tempo”, afirma Carmem Silvia Taverna, coordenadora do GT.

O resgate da trajetória dos pioneiros da profissão foi desencadeado pelo CFP, com o projeto Memória da Psicologia Brasileira, que já produziu diversos vídeos estruturados a partir de depoimentos, abrangendo histórias pessoais (veja quadro abaixo), mas enfocando as atividades profissionais. Com a formação, no Conselho paulista, do GT HMP, foi elaborado um projeto regional vinculado ao nacional, mas visando exclusivamente ao resgate da trajetória de personalidades paulistas da Psicologia. Dada a necessidade de se fazer um recorte desse passado, a Comissão optou por partir da história de algumas pessoas consideradas pioneiras em São Paulo, principalmente por considerar significativo o conhecimento da profissionalização em contextos históricos específicos: “Consideramos pioneiros aqueles que trabalharam para a institucionalização da Psicologia como profissão e que contribuíram para a sua regulamentação, nas décadas de 40 e 50”, esclarece Carmem.

Ainda em setembro de 1999, o CRP SP fez as primeiras chamadas para captação de material para o Projeto de Memória junto a cursos de Psicologia, instituições, entidades, empresas e grupos de profissionais autônomos. Das propostas recebidas, três projetos foram aprovados: um deles aborda a trajetória de Maria Margarida de Carvalho, pioneira do ensino de Psicologia na USP, cujo vídeo - “Imagens de Magui” - está sendo lançado neste mês de agosto, na Semana do Psicólogo 2001. Um segundo, sobre a “História da Psicologia em Campinas: Pioneiros do Serviço Público”, resulta de uma parceria do CRP SP com o MIS de Campinas. Um terceiro, contando a trajetória profissional no Brasil e na Alemanha da psicóloga Betti Katzenstein, já falecida, está sendo realizado por uma empresa especializada em pesquisas históricas. Por último, está sendo finalizado pelo GT HMP, em parceria com a Comissão de Psicologia do Esporte, um projeto sobre João Carvalhaes, também já falecido, psicólogo que atuou durante 19 anos



1. (no alto) Osório Cesar, anátomo-patologista e psiquiatra, fundador da Sociedade Brasileira de Psicanálise. 2. (à esq.) Antônio Austregésilo, fundador dos Arquivos Brasileiros de Neurologia e de Psiquiatria. 3. Maria Margarida de Carvalho, psicóloga, fundadora do primeiro curso de Psicologia na USP. 4. Hospício de Juquery, em desenho de Augusto Esteves.



3

no São Paulo Futebol Clube e integrou a equipe técnica da Seleção Brasileira de Futebol, na Copa do Mundo de 1958.

Obviamente, o universo de pioneiros da Psicologia em São Paulo não se limita aos personagens citados, e a meta é que o Projeto Memória tenha continuidade, abrangendo outros pioneiros, ampliando a base de dados e enriquecendo o acervo. No momento, o GT HMP ocupa-se com a estruturação e a ampliação de uma Linha do Tempo, feita em parceria com o CFP, que conta a história da Psicologia brasileira por meio de verbetes, imagens, documentos e sons e pode ser visitada no *site* do Conselho. “Estamos abertos a receber de psicólogos e pesquisadores interessados em colaborar conosco qualquer tipo de material relevante para a história da psicologia brasileira, para a composição de nossa Linha do Tempo”, completa Carmem. Coletar e armazenar informações sobre a história da Psicologia e deixá-las disponíveis significa também produzir fontes para futuras pesquisas em diversas áreas, pois as idéias



4

psicológicas não são independentes da sociedade em que foram criadas. A história da Psicologia no Brasil é parte da história da cultura do país.●

## Vídeos do Projeto Memória produzidos pelo CRP SP

- “Imagens de Magui” - lançamento em 21 de agosto;
- “João Carvalhaes” - (ainda sem título), em desenvolvimento com lançamento previsto para setembro;
- “História da Psicologia em Campinas: Pioneiros do Serviço Público” - em finalização, lançamento previsto para setembro;
- “Betti Katzenstein” - (ainda sem título), lançamento previsto para setembro.

## Vídeos do Projeto Memória da Psicologia Brasileira, produzidos pelo CFP

- “O Afeto como Método”, Eliezer Schneider
- “Vida e Obra”, Franco Lo Presti Seminério
- “O Ensino como Missão”, Antônio Gomes Penna
- “Uma Questão de Ética”, Paulo Rosas
- “Projeto Memória Viva da Psicologia”, Arrigo Leonardo Angelini
- “Um Mestre adiante do seu Tempo”, Ulisses Pernambucano
- “Vida e Obra”, Mathilde Neder
- “Caminhos da Psicologia na Educação do Rio de Janeiro”, Therezinha Lins de Albuquerque
- “Olhares de Madre Cristina”, lançamento em 21 de agosto no CRP-SP

# A arquitetura da destruição nas imagens de Wenders

**Wim Wenders: Psicanálise e Cinema**  
**De Geraldino Alves Ferreira Netto,**

Editora Unimarco, 216 páginas, R\$ 18,00,  
 tel. (11) 274 5711

No atual cenário social, no qual os modelos de socialização estão sendo constantemente questionados, sem a devida reflexão ética, pelas necessidades de sobrevivência dos sujeitos - dentro do caos, da violência e das novas formas de socialização -, toda obra que se propuser a pensar a cultura, os determinantes simbólicos das identidades dos sujeitos e, principalmente, a função paterna será sempre muito bem-vinda. A presente publicação inscreve-se dentre essas e, além disso, presentifica uma tradição da Psicanálise ao problematizar a história e a cultura.

A história da relação entre a Psicanálise e o cinema aparece na forma de um belo presente que o autor oferece para os leitores. Lá estão Freud e os primeiros psicanalistas preocupados com as possibilidades e os limites de uma arte que surgiu contemporaneamente à própria Psicanálise. Um Freud reticente quanto ao cinema, e psicanalistas mais entusiasmados com essa arte de narrar histórias por meio das imagens. O tema não poderia ter sido melhor pensado: o cinema como expressão maior da cultura de um povo. O cineasta escolhido para tal análise também foi de uma felicidade extrema: Wim Wenders,



um dos principais cineastas alemães, nascido no período pós-guerra, e que melhor expressa as questões vividas pelo povo alemão na busca da reconstrução de sua identidade cultural.

O autor - o psicanalista Geraldino Alves Ferreira Netto -, imbuído da necessidade de colaborar com as reflexões sobre o sujeito e a cultura, explora de maneira extremamente agradável temas muito complexos. Os acontecimentos que antecederam e determinaram a Segunda Guerra Mundial são recuperados e narrados pelo autor de maneira contagiante. Além disso, há um excelente trabalho de pesquisa que lhe permite analisar os significantes utilizados pela Alemanha para construir toda uma arquitetura da destruição. Destruição essa que marcou profundamente a história de nossa civilização, com a perseguição aos judeus, às mulhe-

res, e que exterminou aproximadamente 40 milhões de pessoas.

A partir do cenário desenhado por esse resgate, Geraldino relata-nos a biografia do cineasta de modo a nos fazer compreender as influências que sofreu na realização de sua obra e na definição de seu estilo. Aqui, também, é de surpreender a riqueza da pesquisa, preparando terreno para a análise psicanalítica que virá logo a seguir, centrada na problemática da função paterna na cultura. Enfim, é um trabalho amplo, diverso e extremamente importante de ser lido.

**Alexandre Nicolau Luccas**

Psicólogo clínico, especializando em Psicanálise no Inst. Sedes Sapientiae, mestre em Psicologia Social pela PUC-SP, professor da Univ. Camilo Castelo Branco, coordenador e professor do Curso de Psicologia da UNIP/Sorocaba e conselheiro do CRP SP.

## Notas

### Encontro estadual vai debater educação inclusiva

"Tempo de pensar na sociedade inclusiva" é o tema do I Encontro de Educação Inclusiva, a ser realizado nos dias 14 e 15 de setembro de 2001, no Auditório Nobre da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado - (Rua Alagoas, 903, Pacaembu, SP). O evento está sendo promovido pelo Fórum Permanente de Educação Inclusiva (que iniciou suas atividades há dois anos como Fórum de Educação Especial), integrado por representantes de órgãos governamentais e da sociedade civil envolvidos no debate de uma educação "para todos(as), respeitando suas características individuais, cognitivas, motoras, sensoriais, culturais e sociais". Membro do Fórum, o CRP SP tem contribuído para seu fortalecimento e defendido a adoção de políticas públicas para a educação com a participação de psicólogos. Inscrições pelos tels. (11) 3667 2637 ou 3666 2712.

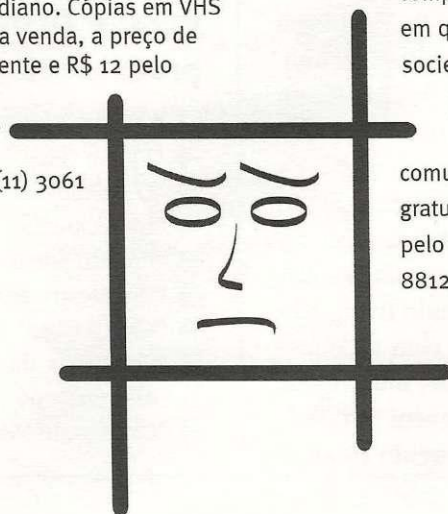


### CRP SP lança documentário sobre tortura no Brasil hoje

Produzido em parceria com a TV PUC-SP e dirigido por Eduardo Ramos, o documentário em vídeo "Tortura no Brasil Hoje" - lançamento em dia 13 de setembro, no auditório do CRP SP - denuncia a "banalização" da tortura em nossa sociedade, institucionalizada em equipamentos de contenção e coerção do Estado, com os presídios, as delegacias, as Febens e os manicômios. O documentário apresenta depoimentos contundentes de profissionais de diversas áreas e imagens chocantes que mostram como a tortura não ficou restrita aos tempos da ditadura militar: ela continua presente em nosso cotidiano. Cópias em VHS estarão disponíveis para venda, a preço de custo (R\$ 10, pessoalmente e R\$ 12 pelo Correio) na Secretaria do CRP SP. Informações sobre o lançamento e reservas pelo telefone (11) 3061 9494.

### Ações para prevenir a violência contra jovens

A Hebraica SP promoverá, entre os dias 04 e 07 de outubro, o evento **Adolescência e Violência: Ações Comunitárias na Prevenção - "Conhecendo, Articulando, Integrando e Multiplicando"**. O encontro, apoiado pelo CRP SP, abrirá espaço para a troca de conhecimentos e experiências em ações comunitárias, políticas públicas e projetos privados preventivos às diversas formas de violência contra as crianças e os adolescentes. As palestras, conferências e oficinas que comporão o evento serão divididas em quatro módulos: violência e sociedade; violência, criança, juventude e família; violência e instituições públicas; ações comunitárias. A participação é gratuita. Informações e inscrições pelo tel.: (11) 3818 8800, 3818 8812.



# A valorização profissional depende de cada um de nós

A desvalorização da Psicologia tem sido motivo de preocupações para muitos profissionais que procuram o Centro de Orientação do CRP SP. Tais preocupações baseiam-se, em geral, no modo como o mercado de trabalho “trata” dos psicólogos, o que é por vezes exemplificado pelo oferecimento de empregos que não condizem com nossa formação e/ou pela baixa remuneração. Em primeiro lugar, precisa ser esclarecido que o contexto do mercado atual atinge da mesma forma todas as categorias profissionais, e não exclusivamente à Psicologia. Há cerca de 3 milhões de desempregados hoje no Estado de São Paulo, resultado da política econômica neoliberal que temos instalada no país.

Os efeitos danosos da política econômica atual sobre a categoria



interessam ao CRP SP, que tem buscado ações no sentido de esclarecer a população sobre a vasta área de atuação em que a Psicologia pode contribuir com a sociedade – bem mais ampla do que a imagem que se tem do psicólogo, imagem essa alimentada pela mídia e pelos próprios profissionais. A valorização de uma profissão não pode ser percebida somente pelo número de empregos oferecidos na área e/ou pelo valor do salário médio que lhe é pago.

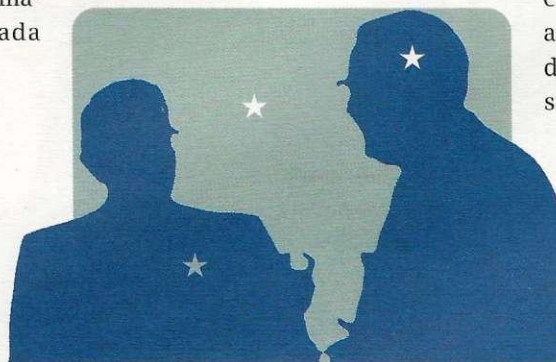
Na verdade, é construída a partir do compromisso de seus profissionais com a própria área de conhecimento e com a sociedade. Estamos nos remetendo àquilo que qualifica e valoriza nossa ação profissional.

É claro que muitos psicólogos estão imbuídos de um compromisso com a qualidade do serviço profissional prestado. Mas há também muitos outros que, embora aleguem os mais diversos motivos, banalizam

a profissão quando, por exemplo, a ela associam outras práticas exteriores ao campo psi e/ou quando criam “regras” alheias ao contexto em que o serviço é prestado. Todo profissional deve ser flexível o suficiente para saber se adequar à estrutura de trabalho na qual se insere, e não o contrário.

As dificuldades para uma maior valorização da Psicologia não se referem, então, somente ao mercado de traba-

lho e à sociedade, mas também a como o profissional da área se insere e qualifica sua atuação. A valorização da profissão e o seu reconhecimento social são uma via de mão dupla, pela qual sociedade e profissionais podem convergir, ou não, a um ponto comum. Acertar o caminho depende de ações institucionais – e o CRP SP as tem tomado –, mas também de posturas que são adotadas por todos nós. ●



## Agenda

### Setembro

[20] **Lançamento dos documentários em vídeos sobre Arrigo L. Angeline e João Carvalhaes, do Projeto História da Psicologia**

Local: Auditório do CRP SP.  
Horário: 19:00 horas.

[28] **Videoclube CRP SP**

Tema: Amor e Desejo.  
Filme: Traídos Pelo Desejo.  
Horário: 19h00.  
Local: Auditório do CRP SP.

### Outubro

[02] **Gravação do programa de TV “Diversidade”**

Tema: Psicologia da Terceira Idade.  
Horário: 19h00. Local: Auditório do CRP SP.

[05] **Videoclube CRP SP**

Tema: Poder e Desejo.  
Filme: Lanternas Vermelhas.  
Horário: 19h00.  
Local: Auditório do CRP SP.

[06] **5º Encontro do Curso de Especialização Psicoterapia Psicanalítica**

Tema: “A Clínica em Psicoterapia Psicanalítica”. Organização: Ipusp-Dep. de Psicologia Clínica.  
Horário: 7h45.

Local: Anfiteatro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, FAUUSP, Rua do Lago, 876, Cidade Universitária. Informações: (11) 3818-4173/ 3818-4910; e-mail: psicotps@edu.usp.br

[06] **Fórum Paulista da Luta Antimanicomial.**

Horário: das 10h às 13h00. Local: Auditório da sede do CRP SP.

[18 a 21] **III Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**

Organização: SBPH – Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar.  
Local: Bahia Othon Palace Hotel, Salvador, BA. Informações: (71) 336-5644 Fax: (71) 336-5855 email: itl@interlinkeventos.com.br Site: www.interlinkeventos.com.br

[19] **Videoclube CRP SP**

Tema: Desejo e Perdição. Filme: Delicatessen. Debatedores: Sidnei Artur Goldberg, psicanalista, psicólogo, editor da revista de psicanálise “Textura”, coordenador do espaço Reuniões Psicanalíticas; Paulo Endo, psicólogo, psicanalista, pesquisador da Psicologia Social da PUC-SP.  
Horário: 19h00.  
Local: Auditório do CRP SP.

[19 a 21] **IX Simpósio Nacional da Associação Junguiana do Brasil (AJB)**

Organização: IPAC, Inst. de Psicologia Analítica de Campinas. Local: Hotel Majestic, Águas de Lindóia, SP.  
Informações: (11) 3361-3056 Fax: (11) 3361-3089 email: jung@eventus.com.br Site: www.eventus.com.br/jung

[26] **Jornada Científica do Incor – Módulo Psicologia, Depressão e Cardiopatia**

Organização: Instituto do Coração.  
Horário: das 8h00 às 16h00. Local: Centro de Convenções do Anhembi.  
Informações: (11) 3069-5290.

### Atenção:

#### Auditório do CRP SP

Rua Arruda Alvim, 89, Jd. América, São Paulo, SP | Informações: (11) 3061-9494  
e-mail: info@crpsp.org.br | site: www.crpsp.org.br

# Festa premiou criatividade dos adolescentes



Da esq. para a dir.: o promotor Wilson Tafner entrega os prêmios na modalidade "Texto" a Bruno Cesar Prior Rocha, 1º lugar, Alex Nunes Pimentel, 2º lugar, e Cristiane Alves Nogueira, 3º lugar. Paulo Teixeira premia os três primeiros colocados na modalidade "Atividade educativo-pedagógica": Sônia Regina Florêncio e Cármen Sílvia de Lima, 1º lugar, Tuto Wehrle, 2º lugar, e Milton Alves Santos, 3º lugar.



Da esq. para a dir., Maria Ignez Bierrembach que entregou os prêmios aos vencedores na modalidade "Fotografia": Vinícius do Amaral Abreu, 3º lugar; Rosana da Silva Santos, 2º lugar, e Thiago Barbosa da Silva, 1º lugar. O padre Júlio Lancelotti entrega os prêmios na modalidade "Música": Caio Mattoso e Suely Cavalcante, 1º lugar; Vagner Santos da Silva e Karina Andressa de Jesus, 2º lugar, e Vânia Fátima da Silva, 3º lugar.

A divulgação dos vencedores do **Concurso Contra a Idade Penal e a Favor da Cidadania**, com entrega dos prêmios nas modalidades "Fotografia", "Música", "Texto" e "Atividade educativo-pedagógica" (para educadores), aconteceu no Sesc Pompéia, em São Paulo, nos dias 18 e 19 de agosto, em evento que contou com uma exposição dos premiados - no saguão de entrada do auditório -, seguida de *shows* de música, dança e culminando com o lançamento do gibi **O Futuro do Brasil Não Merece Cadeia**, editado em parceria com o CFP e o Departamento da Criança e do Adolescente, DCA, do Ministério da Justiça. O evento, apresentado pela jornalista Flávia Lippi, contou com a presença de cerca de 1.800 pessoas, nos dois dias, e foi gravado pela equipe do Projeto Vivavídeo (veja na pág. 16). Na abertura, a presidente do CRP SP Lumêna Almeida Castro Furtado lembrou que "o concurso é parte de uma campanha maior, de defesa intransigente pela implementação do ECA, que vem sendo realizada pelo Conselho paulista desde 1999".

A extensa programação de *shows*, nos dois dias de festa, contou com apresentações do grupo de dança de rua Discípulos do Ritmo e dos grupos musicais Quadrilátero, Moleques de Rua, MC Gaspar e DJ Meio Kilo, Bloco Eureka, Guerreiros do Gueto, a cantora Rubia e os *rappers* Thayde e o DJ Hum. O promotor de Justiça da Infância e Juventude Wilson Tafner, convidado a entregar os prêmios aos vencedores na modalidade "Tex-

to", declarou que "o futuro do Brasil não merece cadeia, assim como não merece o modelo atual de Febem, que impede o desenvolvimento de jovens com tanto talento e potencial". Por sua vez, a diretora do DCA do Ministério da Justiça, Maria Ignez Bierrembach, disse: "Temos de dar um basta às culturas dominantes, à cultura da violência, do preconceito, da discriminação, da subserviência - todas a favor da opressão, e celebrar o poder transformador dessa juventude". Ela fez a entrega dos prêmios na modalidade "Fotografia".

"O corpo é para expressão, não para repressão; a cabeça não é para paranóia, é para criar", disse Paulo Teixeira, secretário de Habitação de São Paulo, antes de premiar os três primeiros colocados na modalidade "Atividade educativo-pedagógica". Por sua vez, o padre Júlio Lancelotti - que entregou os prêmios na modalidade "Música" - disse estar orgulhoso de ver os jovens "num grito de alegria, de resistência e de esperança", pois seus olhos "estão cansados de ver corpos de jovens torturados, aprisionados, dilacerados; eu quero ver a capoeira, a dança de rua, a música, o rap". Para Maria Cristina Vicentim, membro da Comissão da Criança, do Adolescente e Família do CRP SP, "essa foi uma festa do protagonismo juvenil". ●

## Instituições e projetos apoiadores do Concurso

*Ação Educativa (divulgação); Turma da Touca - Assoc. Cultural, Recreativa e Social (participação dos adolescentes como modelos fotográficos); Assoc. de Apoio aos Meninos e às Meninas da Região da Sé (divulgação e incentivo na produção de fotografias inscritas no Concurso); Conselho Federal de Psicologia (realização do gibi); Depto. da Criança e do Adolescente do Ministério da Justiça (realização do gibi); Fonte Design (arte do certificado); Fundação Abrinq (divulgação); Inst. Tanzi-Parmalat (camisetas); Movimento de Adolescentes Católicos de Itatiba/Caras Novas (divulgação e incentivo na produção de fotografias inscritas no Concurso); Projeto Olha o Menino (monitoria do evento); Projeto Senac de fotografia e cidadania/Apoio Fuji e Prodes (divulgação e incentivo na produção de fotografias inscritas no Concurso); Projeto Vivavídeo - Escola Estadual Condessa Filomena Matarazzo (documentário do evento); Sesc Pompéia (instalações do evento). Agradecemos também a todos os educadores das escolas públicas e particulares e às instituições da área da juventude que divulgaram o Concurso e criaram condições para a participação dos adolescentes.*

Exposição das fotos premiadas no saguão de entrada do teatro do Sesc Pompéia.

